

ANAIS DO III SEMINÁRIO DE ARQUEOLOGIA DE SOBRADINHO - BA

REGISTROS RUPESTRES DO SUBMÉDIO SÃO FRANCISCO: da metonímia à metáfora

Vanessa Cosma da Silva
Mateus Maurício de Melo Iguatemy
Celito Kestering

2017

III Seminário de Arqueologia de Sobradinho - BA

Realização

Universidade Federal do Vale do São Francisco
Prefeitura Municipal de Sobradinho
Fundação SOS São Francisco
Mineração Caraíba
Instituto Habilis
ENERGISA

Organização

Celito Kestering
Ducilene Soares Silva Kestering
Alvandyr Bezerra
Jéssica Alves
Joselha Pires
Maria Socorro Aquino
Rosângela Grangeiro Vieira
Vilma Ventura
Viviany Cristina

Apoio

Dilza Pereira
Valdelice Almeida
Ana Dilsa Moreira
Tiago Lima de Melo
Clea Canturil da Silva
Janaína Alves Batista
Itamar Souza Ribeiro
Manoel Carlos da Silva
Renata Xavier Monteiro
Marilane Maria da Costa
Cristiellen de Jesus Barros
Simone de Macedo Sousa
Lidiane dos Santos Pereira
Mayc-Yan Farias de Souza
Antônio Libano de Amorim
Maria Auxiliadora de Jesus
Flávia dos Santos de Sousa
Concília Rodrigues de Souza
Manoel Ferreira dos Santos
Geane Cristina Alves da Silva
Vanderlito Evangelista de Souza
Elke Cristina Marcula de Oliveira
Francisca Bezerra de Lima Queiroz
Claudeci Vieira de Araújo Marinho
Rosângela Ferreira dos Santos Brito
Ferliane Souza de Menezes Nascimento

Agradecimentos

Luiz Vicente Berti Torres Sanjuan
Maysa Maria Torres Sanjuan

ISSN: 2447-1496

ANAIS DO III SEMINÁRIO DE ARQUEOLOGIA DE SOBRADINHO - BA



Fundação SOS São Francisco
Quadra S11, Rua 5, Nº 2
Vila São Joaquim
Sobradinho – BA - CEP: 48.925-000

SUMÁRIO

PROGRAMAÇÃO 4

APRESENTAÇÃO 5

BEM-VINDO AO UNIVERSO DA ARQUEOLOGIA 6

01 **RESGATE ARQUEOLÓGICO NA ÁREA DA MINA VERMELHOS, EM JUAZEIRO – BA** 9
Celito Kestering e Alvandyr Bezerra

02 **REGISTROS RUPESTRES NA ÁREA DE ABRANGÊNCIA DA MINA SUÇUARANA, EM JAGUARARI - BA** 65
Celito Kestering e Rosivânia de Castro Aquino

03 **A INDÚSTRIA LÍTICA DAS DUNAS FÓSSEIS DE CASA NOVA – BA E O PALEOAMBIENTE DO SUBMÉDIO SÃO FRANCISCO** 95
Celito Kestering e Ana Caroline Teixeira Maciel

04 **REGISTROS RUPESTRES DO SUBMÉDIO SÃO FRANCISCO: DA METONÍMIA À METÁFORA** 184
Vanessa Cosma da Silva, Mateus Maurício de Mello Iguatemy e Celito Kestering

05 **ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS NA LINHA DE TRANSMISSÃO DO PARQUE EÓLICO SOBRADINHO** 290
Celito Kestering e Alvandyr Bezerra

APÊNDICES 301

REGISTROS RUPESTRES DO SUBMÉDIO SÃO FRANCISCO: DA METONÍMIA À METÁFORA



Vanessa Cosma da Silva[1]
Mateus Meurício de Mello Iguatemy[2]
Celito Kestering[3]

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo identificar prováveis causas do final da Tradição Nordeste, realizada no período de doze a seis mil anos AP., na região Sudeste do Piauí. Os sítios arqueológicos analisados situam-se no Serrote do Caldeirão de Manezinho, em Sento Sé – BA, situado a aproximadamente 200 km da área do Parque nacional Serra da Capivara onde se identificou a maior concentração de grafismos dessa tradição. Segregaram-se 56 painéis de grafismo rupestre pré-colonial, com um total de 72 figuras. Neles encontraram-se, também, artefatos da indústria lítica, almofarizes e caldeirões em rocha. Para análise dos registros rupestres aplicaram-se as bases teóricas contextuais e cognitivas para compreender as mudanças culturais de seus autores. Para isso compararam-se as figuras rupestres do Serrote do Caldeirão do Manezinho com registros rupestres de sítios arqueológicos do Parque Nacional Serra da Capivara, quais sejam: Toca da Entrada do Baixão da Vaca, Toca da Entrada do Pajaú, Toca do Pinga do Boi, Toca do Sobradinho I, Toca do Caldeirão dos Rodrigues I, Toca do Perna IV e Toca do Inácio II. O presente trabalho de pesquisa teve início com a realização de um levantamento bibliográfico para embasar, teórica e metodologicamente, a realização de prospecções em que se fizeram registros fotográficos dos sítios e painéis rupestres. Para a análise dos grafismos priorizaram-se as representações de vulvas. Chegou-se, assim à proposição preliminar e hipotética de que, há seis mil anos, os grupos pré-históricos da Tradição Nordeste teriam substituído seu sistema de comunicação, essencialmente metonímico, pelo sistema metafórico da Tradição São Francisco, dominante a partir de então, em toda a região Nordeste do Brasil, até a chegada dos colonizadores europeus.

Palavras-chave: Arqueologia. Registro Rupestre. Vulva.

[1] Bacharel em Arqueologia e Preservação Patrimonial pela Universidade Federal do Vale do São Francisco. Mestranda em Arqueologia na Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: vanis2maah@gmail.co; vanessa.iguatemy@gmail.com

[2] Estudante do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF). E-mail: maahs2vani@gmail.com

[3] Licenciado em Filosofia, com habilitação em Psicologia e Sociologia pela Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL (1974); bacharel em Agronomia pela Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco – FAMESF (1980); mestre em História (2001) e doutor em Arqueologia (2007) pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; Professor adjunto 4 na Universidade Federal do Vale do São Francisco e Tutor do grupo PET – Arqueologia / UNIVASF; Presidente da Fundação SOS São Francisco. E-mail: celito.kestering@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Com este trabalho pretende-se mostrar como os registros rupestres podem se transformar, mudando em seus elementos gráficos. Com as atividades de prospecção obteve-se um conjunto de referências com as quais se levanta a hipótese de que os grupos pré-coloniais que ocuparam o Submédio São Francisco não foram massivamente assassinados como sugere a historiografia oficial. Eles se apropriaram do sistema de comunicação dos colonizadores europeus como teriam feito os grupos pretéritos da Tradição Nordeste em períodos remotos da pré-história, em contato com grupos da Tradição São Francisco. De acordo com Bateson (1977 *apud* Kestering 2007, p. 31), as apropriações que ocorrem nos contatos sociais "promovem fusão completa dos grupos originalmente diferentes, eliminação de um dos grupos ou até mesmo dos dois, ou ainda, persistência dos dois grupos em um equilíbrio dinâmico, no interior de uma comunidade maior".

As evidências do patrimônio natural e arqueológico precisam ser pesquisadas e preservadas adequadamente. Isso justifica a realização deste projeto com o qual se pode produzir conhecimento novo sobre o passado, fundamental para a preservação desse patrimônio. A exploração econômica da região do Submédio São Francisco oferece grande risco à proteção do patrimônio arqueológico que lá existe.

Com as pesquisas anteriores realizadas no Vale do Rio São Francisco evidenciaram-se muitos dados com os quais se elabora a proposição de que os grupos nativos não teriam sido exterminados. Eles teriam utilizado a estratégia de negação de sua etnicidade e assimilação do sistema de comunicação dos colonizadores para sobreviverem fisicamente. Esta proposição se consolida com as pesquisas arqueológicas que se efetivam na região do Submédio São Francisco. Ela serve de base para que se levante a hipótese de que, há nove mil anos, teria ocorrido situação semelhante com os grupos da Tradição Nordeste em contato com grupos da Tradição São Francisco.

> Semelhanças temáticas entre grafismos da Subtradição Sobradinho e do Estilo Serra Branca sugerem ter havido contatos com apropriação de atributos gráficos entre grupos pré-históricos do Submédio São Francisco e do Parque Nacional Serra da Capivara. No Estilo Serra Branca, algumas temáticas recorrentes da Área Arqueológica de Sobradinho são utilizadas no preenchimento de figuras. As figuras da Subtradição Sobradinho diferenciam-se, porém, do padrão de reconhecimento e cenografia do Estilo Serra Branca cujos grafismos são reconhecidos e apresentam cenografia típica da fase final da Subtradição Várzea Grande, Tradição Nordeste. (KESTERING, 2007, p. 174).

Em caráter preliminar e hipotético, propõe-se que o desaparecimento da Tradição Nordeste, ocorrido a seis mil anos na área do Parque Nacional Serra da Capivara deveu-se a um processo semelhante ao que ocorreu no período de contato dos grupos nativos com os colonizadores

portugueses. Nos conjuntos de registros rupestres, fragmentos do sistema de comunicação pré-histórica, devem-se encontrar elementos que mostrem a transformação social e cultural de grupos inicialmente diferentes.

Nesta perspectiva, elabora-se a presente pesquisa, com o objetivo maior de identificar elementos que fortaleçam a hipótese de que o desaparecimento da Tradição Nordeste se deu porque seus autores adotaram o sistema de comunicação de grupos da Tradição São Francisco, com quem, a partir de 9.000 anos, mantiveram estreitos e frequentes contatos. Desse objetivo amplo deriva o objetivo específico de analisar os registros rupestres dos Sítios arqueológicos Manezinho 1, Manezinho 2 e Manezinho 3 com os parâmetros da cognoscibilidade e da temática, para estabelecer relações comparativas com figuras rupestres da Toca da Entrada do Baixão da Vaca, Toca da Entrada do Pajaú, Toca do Pinga do Boi, Toca do Sobradinho I, Toca do Caldeirão dos Rodrigues I, Toca do Perna IV e Toca do Inácio II localizados na área do Parque Nacional Serra da Capivara.

Para viabilizar análises comparativas entre figuras rupestres da Tradição Nordeste, encontradas no Parque Nacional Serra da Capivara e as figuras da Tradição São Francisco, identificadas no Serrote do Caldeirão do Manezinho, levantam-se referências teóricas e metodológicas para abordagem das representações rupestres. Prioriza-se a análise das figuras que, nas duas unidades de pesquisa, representam vulvas. Enfatizam-se as diferenças no padrão de cognoscibilidade e nas técnicas utilizadas para a representação dessa temática para corroborar a hipótese de que a Tradição São Francisco prevaleceu sobre a Tradição Nordeste.

Para compreender como ocorreram os intercâmbios culturais pré-históricos, prossegue-se a pesquisa com levantamento do contexto histórico do município de Sento Sé, onde se insere o Serrote do Caldeirão do Manezinho.

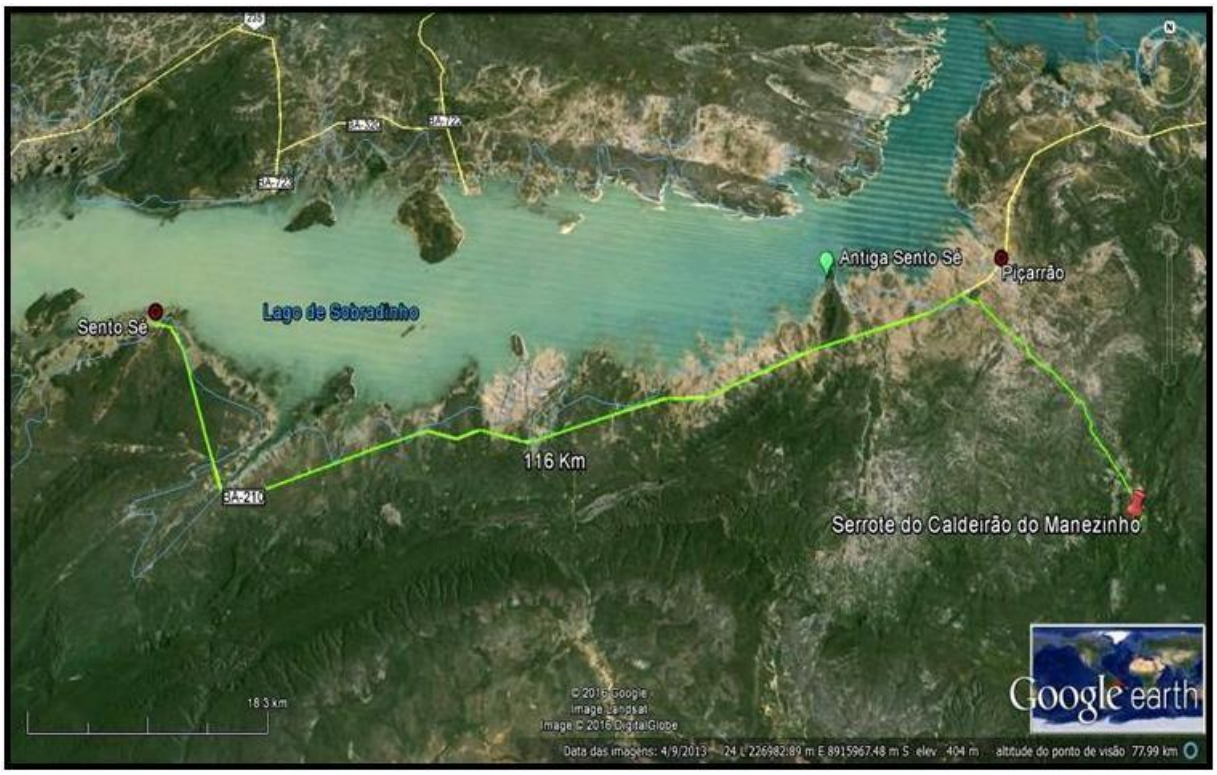
Está monografia está estruturada em cinco capítulos que sucedem a introdução: Contexto histórico de Sento Sé – BA; histórico dos estudos referentes à arte rupestre no Submédio São Francisco; aportes teóricos e metodológicos para a concretização dos objetivos; apresentação dos sítios arqueológicos do extremo norte da Bahia com ênfase para os sítios analisados e análise com discussão sobre os registros rupestres pesquisados.

2 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O município de Sento Sé, criado pelo Decreto Imperial de 06 de julho de 1832, localiza-se no extremo norte da Bahia, margem direita do Rio São Francisco e ocupa uma área de 12.871,04 km².

Limita-se ao norte com os municípios de Pilão Arcado, Remanso e Casa Nova, ao sul com os municípios de Campo Formoso, Umburanas e Morro do Chapéu, a leste com o município de Sobradinho e a oeste com os municípios de Itaguaçu da Bahia, Xiquexique e Jussara. O clima é semiárido. A precipitação pluviométrica registrada em série histórica apresenta uma amplitude variável entre 500 e 600 mm por ano. O período chuvoso ocorre entre os meses de novembro a março. A sede do município, situada na margem direita do lago de Sobradinho, nas coordenadas 24L 183617, UTMN 8922023, a 403 metros de altitude, é cercada por belíssimas serras. O clima é semiárido e a vegetação predominante é a caatinga. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população do Município é de aproximadamente 36.517 habitantes. Sento Sé está entre as cinco cidades que tiveram que ser inundadas por causa da construção da Barragem de Sobradinho (Fig. 1).

Figura 1 - Mapa de acesso e relação de distância entre os sítios e a cidade



Fonte: Google Earth (2016), modificado pelos autores

A região tem patrimônio natural evidenciado nas fontes termais dos povoados Brejo da Brásida e Limoeiro da Batateira. Apresenta potencial turístico na Ilha de Andorinhas e no Parque Nacional Boqueirão da Serra da Onça. Preserva tradições portuguesas como a dança da Roda de São Gonçalo e a Corrida de Argolinhas. Conserva também tradições indígenas como o hábito de banhar-se diariamente nas águas do rio, dormir na rede, viver do que a natureza oferece e reverenciar ídolos como o Caipora, o Caboclo Muribeck, o Homem Folhagem e o Negro d'Água. As casas de farinha, de

onde sai o produto manufaturado para a confecção de beijus, papas, mingaus, bolos de puba, bolos de macaxeira, tapioca e paçoca, continuam tendo os mesmos caracteres do período pré-colonial.

No entorno próximo de vários povoados existem 136 feições de relevo com sítios arqueológicos. Existem muitos painéis de pintura rupestre que se deterioram porque estão expostos ao vento, ao sol e à chuva. Alguns há que se degradam por raízes de plantas fixas no suporte, sal, fogo, insetos, fezes e urina de mocó, pichação e desplacamento. Sugere-se que se promova ampla divulgação do patrimônio arqueológico, conscientizando e conclamando a população local para a sua preservação. Propõe-se a criação de leis municipais, estaduais e federais, para o estabelecimento de áreas de preservação ambiental e cultural, delimitando topograficamente as feições de relevo com vestígios arqueológicos.

Sugere-se que essas áreas se tornem nichos ecológicos de refúgio à fauna e à flora, para sustar a ação dos agentes que promovem a degradação do patrimônio arqueológico, bem como o assoreamento dos riachos tributários e do próprio Rio São Francisco. Recomenda-se que se promova, nas áreas de preservação ambiental e cultural, o desenvolvimento do turismo científico e a realização de prospecção para a identificação, cadastro e pesquisa dos sítios arqueológicos nas feições de relevo cadastradas. Propõe-se que se implante com a participação da comunidade local no processo, um memorial do patrimônio arqueológico e ambiental nos povoados em cujo entorno há vestígios arqueológicos.

2.1 Contexto histórico de Sento Sé - BA

Francisco Garcia D'Ávila chegou ao Brasil em 1549, na esquadra do então nomeado Governador Geral Tomé de Souza, sendo este o fundador de Salvador que foi a primeira Capital do Brasil. Jackson Coelho (2009), diz que entre os anos de 1565 e 1609, Francisco Garcia D'Ávila ergueu a conhecida Casa da Torre que se assemelhava a um castelo, próximo a Salvador. O motivo desta edificação foi para a defesa da capital, quando o Brasil, em termos de pós-descobrimento, ainda era jovem e desprotegido. Francisco Garcia d'Ávila recebeu o título de Conde da Torre no momento em que ele começava a adquirir terras no Vale do Rio São Francisco.

Kestering (2014) diz que, em 1573, a família de Francisco Garcia d'Ávila dedicava-se à criação de gado em uma extensão de 340 léguas. Como as terras de criação margeavam o Rio São Francisco, devido ao grande número de fazendas de gado, o rio ficou então conhecido como Rio dos Currais.

No período que corresponde ao contexto histórico brasileiro marcado primeiramente pelo cultivo da cana-de-açúcar no Nordeste e em São Paulo e depois pelas investidas dos bandeirantes que culminou na mineração do ouro, no ano de 1600, Antônio Garcia d'Ávila, filho de Francisco d'Ávila, edificou a Vila Imperial em Sento Sé. Essa vila foi edificada para administrar de perto as suas propriedades e posteriormente fundou a sede do condado na então Aldeia de Sento Sé.

> Nesse ano os índios da região se encontravam em número reduzido e sem recursos, devido à perseguição incessante e à escravidão a que eram submetidos, desde que a expedição de Duarte Coelho subira o Rio São Francisco, em 1543 (KESTERING, 2014).

O primeiro contato entre portugueses e índios aconteceu por acaso. Conforme Kestering (2014), Antônio Garcia d'Ávila encontrou o chefe indígena Sento Sé enfermo. Tendo d'Ávila conseguido combater a moléstia, nasceu uma amizade longa e proveitosa para ambos. Foi por isso que, na Vila Imperial, muitos anos depois da morte do chefe indígena, o povo de Sento Sé o homenageou com um busto, esculpido em pedra e madeira de grandes dimensões.

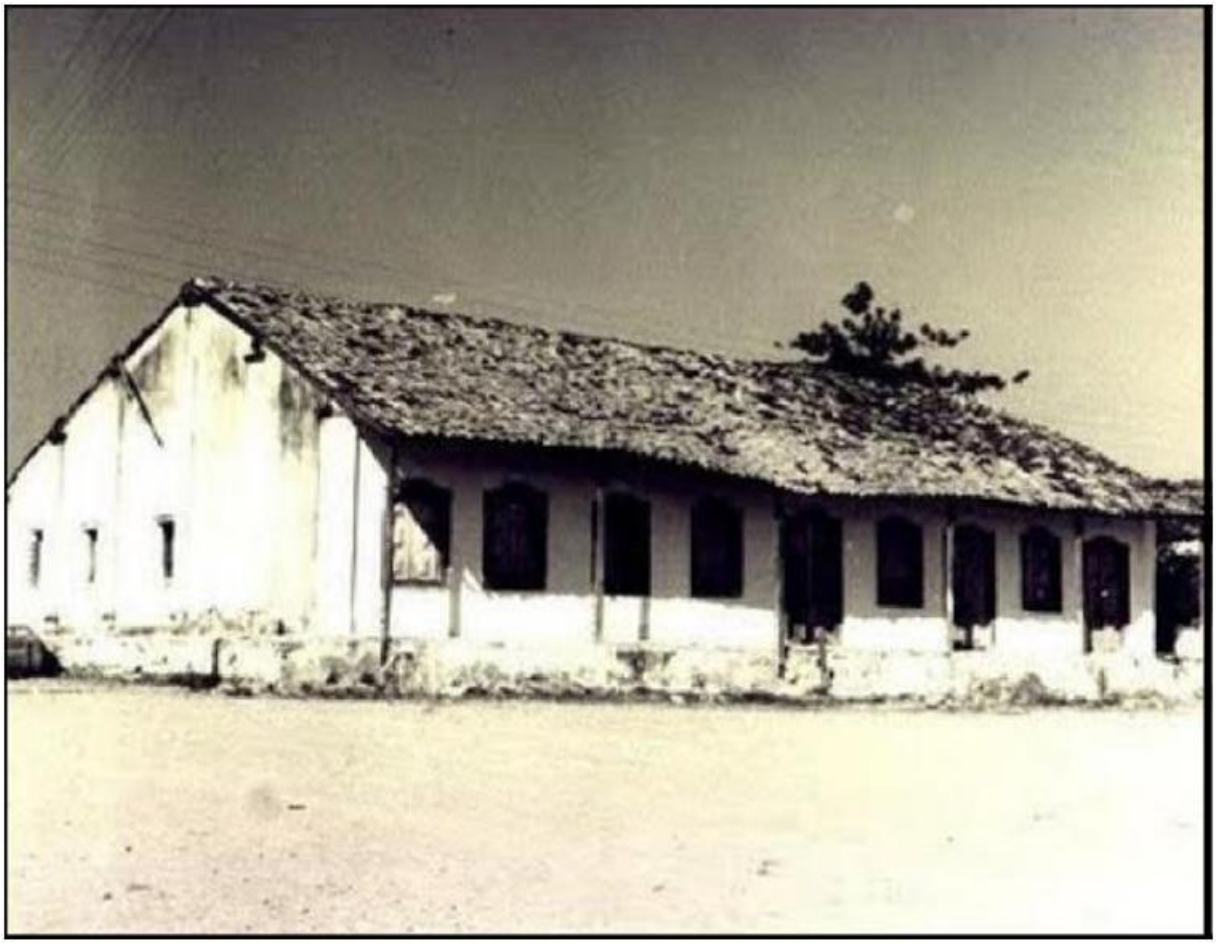
> A partir de 1763, a indústria açucareira decaiu no Nordeste e a capital do Brasil Colônia foi transferida de Salvador para o Rio de Janeiro, o Nordeste inteiro sofreu uma grande depressão econômica e política. O café tornou-se a maior fonte de lucro na região Sudeste e a economia de Salvador caiu em declínio. A região do Rio São Francisco, não poucas vezes, tornou-se, a partir de então, o refúgio de pessoas que viviam à margem da lei. A geração de feudos, a um só e mesmo tempo, promoveu o surgimento de fazendeiros com fama de heróis e de vaqueiros com atributos de jagunços serviçais. Nesse período, muitas famílias procedentes do Piauí e de Pilão Arcado – BA estabeleceram-se no território do atual município de Sento Sé para plantar cana de açúcar, instalar engenhos e fundar feitorias (KESTERING, 2014).

Sento Sé desvinculou-se de Pilão Arcado em 1832 pelo Decreto Imperial de 06 de julho e, em 1833, instalou-se a sua sede na antiga povoação de Sento Sé (COELHO *apud* KESTERING, 2014). Em 21 de novembro de 1883 foi concretizada a autonomia política com a presença do presidente da província Joaquim José Pinheiro Vasconcelos.

Sobre o significado que teve o solar da Vila Imperial para o Vale do Rio São Francisco, além de ter sido um edifício referencial, a historiografia regional retrata sobre os confrontos entre o Sr. Militão Plácido de França Antunes e a família Guerreiro. Esta última foi derrotada em 1843 em Pilão Arcado e refugiou-se no solar da Vila Imperial, em Sento Sé. O solar foi restaurado no ano de 1873, como atestava o brasão fixado sobre a sua porta de entrada (Fig. 2).

> Apesar da sua importância na memória da população local, a Vila imperial nunca foi tombada como Patrimônio Nacional. A inundação promovida pela construção da Barragem de Sobradinho apagou 400 anos da história de Sento Sé. O monumento, que poderia estar servindo como referência cultural do povo ribeirinho, jaz nas profundezas do Lago de Sobradinho (COELHO, 2009 apud KESTERING, 2014).

Figura 2 – Casa Imperial



Fonte: Jackson Coelho (2009)

Em 1911, Sento Sé era distrito e teve seu nome alterado para Manoel Vitorino. Em 1926, com a Lei Estadual 1911, foi elevada à categoria de cidade, ainda com a denominação de Manoel Vitorino. Em 1930, Sento Sé sofreu a pressão de revoltosos. A população foi maltratada com pancadas e prisões.

> Em 1932 Sento Sé passou por momentos difíceis quando Lampião passou pelo distrito de Américo Alves, no povoado de Quixaba e fez o povo tremer de pavor. Depois de assaltar o comércio, foi embora e pernoitou no Brejo da Palmeira (COELHO, 2009 apud KESTERING, 2014).

Em 1934, pela Lei Estadual nº 8.818, voltou a ser denominado Sento Sé. Com o passar dos anos o município somava mais distritos assim como alterava seus nomes, até que em 1960 ficou configurado em sete distritos: Sento Sé, Amaniú, Américo Alves, Bossoroca, Cajuí, Minas do Mimoso e Piri (Fig. 3).

Kestering (2014) lembra o momento em que a população foi noticiada de que a Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF) daria início à construção da Barragem de Sobradinho em 1971. Como de costume nas justificativas para a construção das Hidrelétricas, argumentava-se a necessidade de se gerar mais energia para estimular o desenvolvimento nacional. Desta forma, fazia-se necessário submergir as áreas próximas ao Rio São Francisco.

Figura 3 - Antiga cidade de Sento Sé – BA



Fonte: Jackson Coelho (2009)

Não houve como evitar a construção do Lago Sobradinho. Dizia-se que a inundação das roças, das casas e dos povoados era um mal necessário porque todo o desenvolvimento só aconteceria à custa de sacrifício. Nos povoados e na sede de Sento Sé, instalou-se pânico geral na população.

> A partir do primeiro comunicado deu-se sequência a várias reuniões para estabelecer-se o local para onde iria a nova Sento Sé. Seria Piçarrão, Piri ou Tombador? Quantas lágrimas, quantas tristezas, pior, perdas de memórias, mortes apaixonadas e repentinas. No município tudo isso aconteceu. Estávamos acostumados ao torrão natal, ao carnaubal, ao rio São Francisco, às cozinhas humildes, mas que víramos nascer e crescer. A CHESF não aceitava debate. Começam as míseras indenizações (...), as permutas de casas e de roças. Algumas famílias a CHESF resolveu levar para as Agrovilas em Bom Jesus da Lapa. E quantas ofertas boas! Era desnatural (sic) o tamanho do feijão, do milho, do tomate, até filmes. As moradias "Santo Deus", não eram casas... Eram sobrados. E muita gente se foi, alguns puderam voltar e outros nem este direito tiveram. Em 1974, pela Lei Estadual nº 3.347, tranferiu-se a sede municipal da cidade velha (Fig. 3) para um local a 62 km de distância. (COELHO, 2009 apud KESTERING, 2014).

Sobre a mudança da população e da sede do município, Jackson Coelho continua, mesmo que de modo passional, relatando os acontecimentos de modo a expressar a angústia do povo da Antiga Sento Sé naquele momento:

> Em 1975 começaram as mudanças. Lentamente dava-se o adeus, às casas derrubadas, às roças queimadas, ao plantio abandonado, às fruteiras desvalorizadas. Os paus de arara transportavam gente. Barracas de lona abrigavam as crianças. Em 10 de outubro de 1976 chegou a vez de mudar a sede da municipalidade, e em seguida, as mudanças das famílias por completo. O mesmo sofrimento. A casa número 01. A casa número 02… que ora era pequena demais. Novembro de 1976. Última mudança. Atrás se deixava parentes falecidos, casas caídas, a história. Aqui finda Sento Sé de ontem, abrindo espaço para uma nova vida numa nova cidade. A velha Sento Sé foi inundada pelas águas do grande Lago de Sobradinho (COELHO, 2009 apud KESTERING, 2014).

A população residente na antiga cidade de Sento Sé, edificada ao longo dos anos pelos próprios moradores locais, acompanhou de perto o desmoronar da igreja (Fig. 4), dos edifícios públicos, das casas residenciais, da Vila Imperial e dos monumentos. Muitos testemunharam o momento em que as águas do Lago de Sobradinho invadiram as ruas da cidade (Fig. 5), as suas avenidas e as suas casas. Concretizou-se a profecia do beato que dizia: "o sertão vai virar mar e a cidade de Sento Sé, cama de surubim". A população foi transferida para uma nova cidade, planejada e construída pelo governo federal (Fig. 6). A nova cidade de Sento Sé, edificada em 1976, é habitada predominantemente pelos moradores da antiga cidade (Fig. 7). O acesso à cidade faz-se pela BA-210, partindo-se de Juazeiro - BA que dista 200 km, com passagem pela cidade de Sobradinho – BA. O serviço de transporte rodoviário de passageiros é prestado pela Associação de Transporte de Sento Sé – ASTRASS.

A cidade de Sento Sé possui hotéis, restaurantes, hospital, porto fluvial, postos de gasolina, supermercados e outros serviços essenciais aos visitantes e turistas. A diversão fica por conta dos bares localizados ao redor da praça principal.

Figura 4 - Relocação da antiga para a nova cidade



Fonte: Jackson Coelho (2009)

Figura 5 – Momento da inundação da antiga



Fonte: Jackson Coelho (2009

Figura 6 - Nova Sento Sé



Fonte: Jackson Coelho (2009)

Figura 7 - Praça central da cidade de Sento Sé



Fonte: Imagens de Sento Sé – Bahia (2010)

A economia do município de Sento Sé baseia-se predominantemente na agropecuária, com criação de caprinos e ovinos nas áreas de sequeiro; na lavoura irrigada, com plantios de cebola, tomate, uva, aspargo, manga, melão e melancia na margem do Lago de Sobradinho e na agricultura de subsistência, com cultivo de milho, mandioca, mamona e feijão em pequenas roças junto aos povoados. Tem ainda como potencial econômico a extração de minérios, destacando-se entre eles, o cristal de rocha, a galena, a magnesita, o ferro, o topázio, o manganês, a gipsita, o calcário e a ametista. Há também indústrias caseiras onde se fabrica esteiras de tabua e doces de frutas nativas como umbu e maracujá do mato. Há fontes termais nos povoados Brejo da Brásida e Limoeiro da Batateira. Tendo também indústrias caseiras onde se fabricam esteiras de tabua e doces de frutas nativas como umbu e maracujá do mato.

Atualmente encontra-se em discussão no Congresso Nacional a Criação do Parque Nacional Boqueirão da Serra da Onça. O parque vai ocupar 49,40% do território do município de Sento Sé. Seu objetivo é preservar a fauna e a flora do bioma Caatinga. Na área do parque e em seu entorno, existem vestígios arqueológicos, com predominância de pinturas rupestres, muitas das quais a população local atribui ser de autoria dos índios Muribeck (KESTERING, 2014).

2.2 Contexto Geoambiental

Um dos principais objetivos da pesquisa arqueológica é compreender como os povos pretéritos relacionavam-se com o espaço e a paisagem (BICHO, 2006). Para o estudo dos vestígios arqueológicos procurou-se, por isso, desvendar o contexto geoambiental do Serrote do Caldeirão do Manezinho.

2.2.1 Aspectos Geológicos, Geomorfológicos e Climáticos

O Serrote do Caldeirão do Manezinho situa-se no extremo norte do Estado da Bahia na margem direita do Lago de Sobradinho onde predominam rochas sedimentares e metassedimentares e sedimentos eólicos (dunas inativas). Há rochas ígneas como granitos, porém em menor escala. As unidades geomorfológicas caracterizam-se por grandes compartimentos topográficos, como planícies de inundação no entorno do Lago de Sobradinho, depressões, um conjunto de serras da Chapada Diamantina com elevações máximas entre 1000 e 1200m.

Os solos são bastante diversos, com seis classes, sendo em sua maior parte os neossolos, (litólicos, flúvicos e quatizarênicos), latossolos vermelho-amarelo, planossolos, cambissolos, argissolos e pequenas manchas de vertissolos. Com relação à vegetação, predomina a caatinga arbustiva, com maior abrangência nos municípios de Sento Sé e Casa Nova (LIMA, 2012).

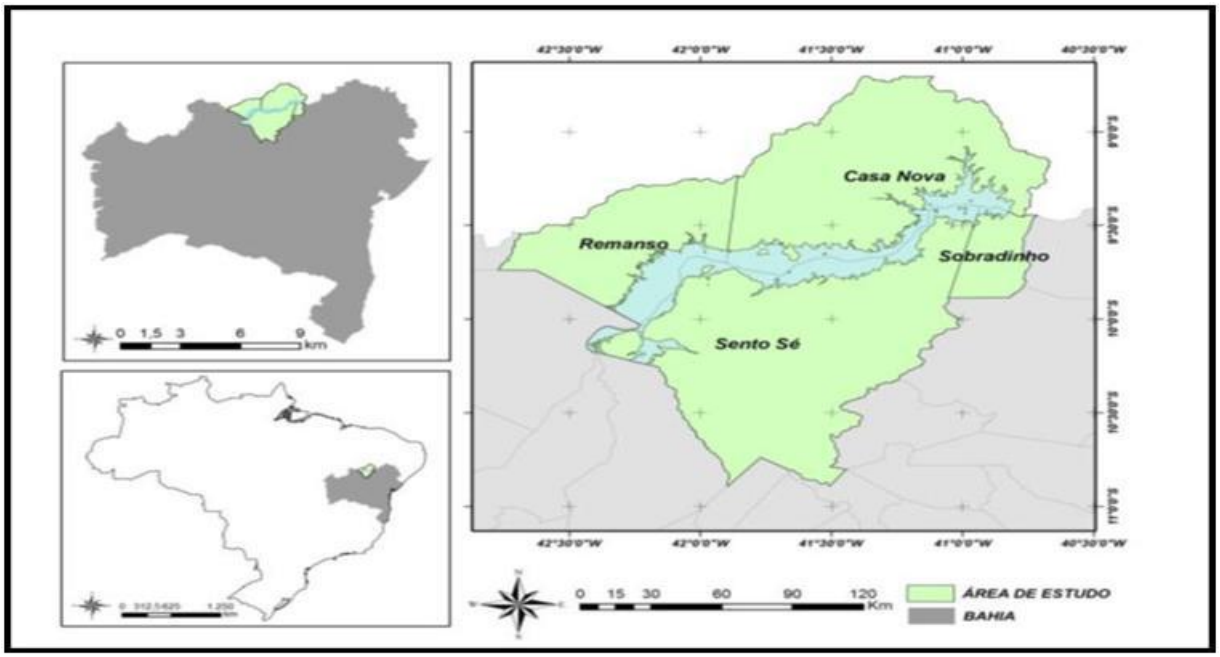
Na região onde se insere o Serrote do Caldeirão do Manezinho há forte dinâmica sazonal, com secas prolongadas que, somadas à ação antrópica depredatória contribuem para o aspecto rústico da vegetação (Fig. 8 a 10). A região faz parte do Polígono das Secas com tipologia climática de árido a semiárido e pluviosidade média anual entre 400 mm e 600 mm (SEI, 1999), distribuídas entre os meses de março e Abrill (LIMA, 2012).

> [As secas e a ação humana] contribuem na exposição do solo aos agentes erosivos que consequentemente inviabilizam a recuperação natural do sistema, como também dificultam o desenvolvimento das atividades humanas e podem conduzir à desertificação (LIMA, 2012).

Em espaços mais elevados das feições de base, encontram-se manchas de solo típico de regiões semiáridas. A presença de solos semidesérticos e a quantidade insignificante de lençóis de areia, à jusante das feições de relevo que poderiam ter interceptado o Rio São Francisco para a direção leste (LIMA, 2012), reforçam as evidências de que a maior parte da unidade de pesquisa não foi

atingida pela inundação de um paleolago. A região pode, por isso, ter sido ocupada por grupos humanos, desde períodos anteriores a atual condição climática estabelecida.

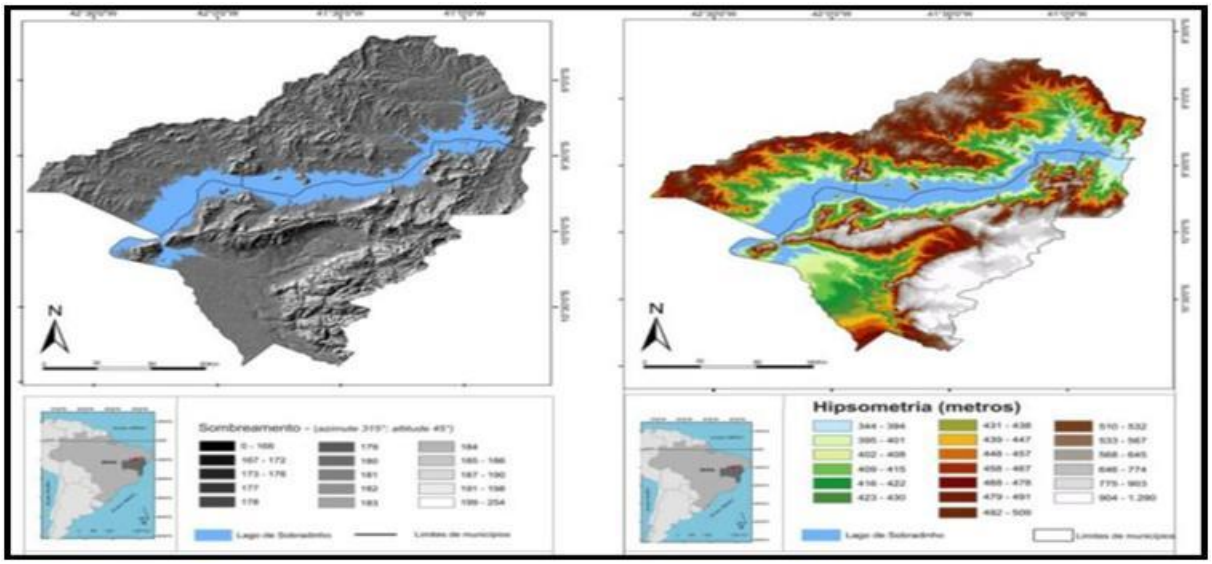
Figura 8 – Mapa de localização de Sento Sé, na margem direita do Lago de Sobradinho



Fonte: Lima (2012)

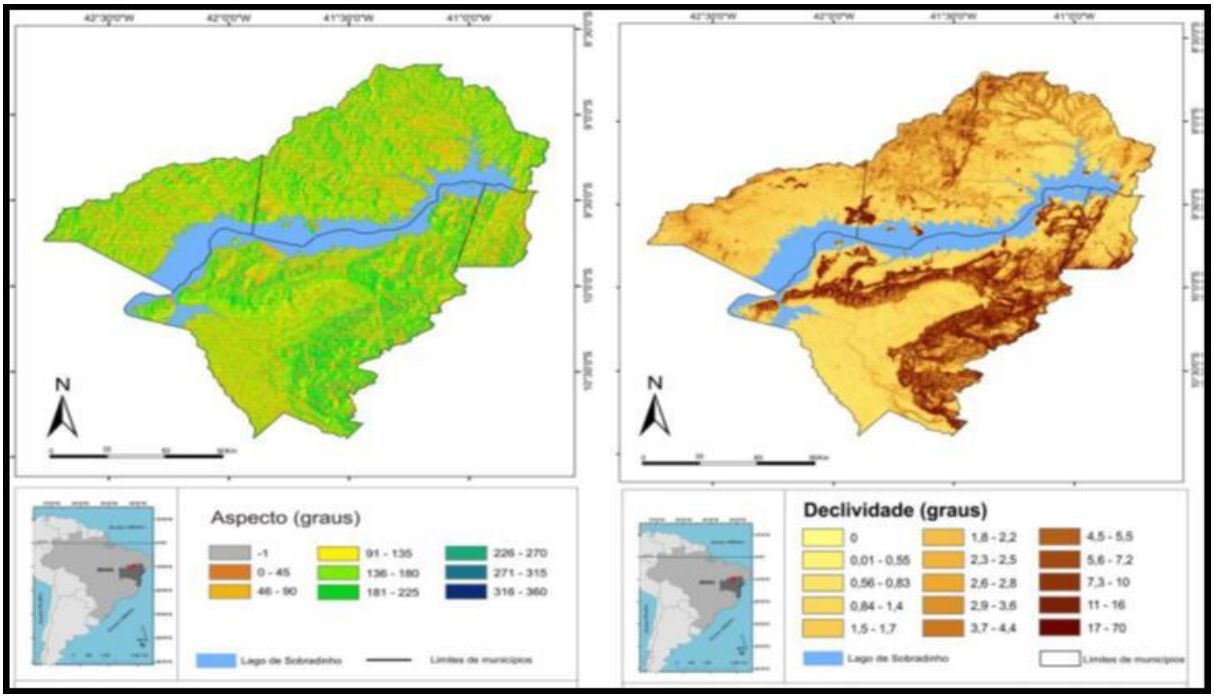
Na transição do Pleistoceno para o Holoceno, até cerca d 10.540 anos AP, o clima da região era úmido e mais frio que atual, o que favoreceu o estabelecimento de uma floresta tropical exuberante, com afinidade florística com as florestas Amazônica e Atlântica. Os registros palinológicos mostraram ter havido um gradual ressecamento da paisagem, eliminando a floresta tropical do Holoceno antigo. O ressecamento prolongou-se até 6.790 ano AP, quando se instalou o clima tropical semi-árido, dando origem à atual vegetação da caatinga, consolidada há 4.535 anos AP (OLIVEIRA et al. 2005).

Figura 9 – Mapa de sombreamento e hipsometria



Fonte: Lima (2012)

Figura 10 – Mapa de aspecto e declividade



Fonte: Lima (2012)

2.2.2 Vegetação e Hidrografia

A relação dos grupos pré-coloniais e as populações atuais com a vegetação e hidrografia se verifica nos modos de vida em aspectos socioculturais e econômicos. Os povos desta região conheciam o ambiente e neste encontravam os recursos para as mais variadas dinâmicas, entre elas a realização de atividades de comunicação cujos fragmentos se conservaram nos sítios arqueológicos rupestres.

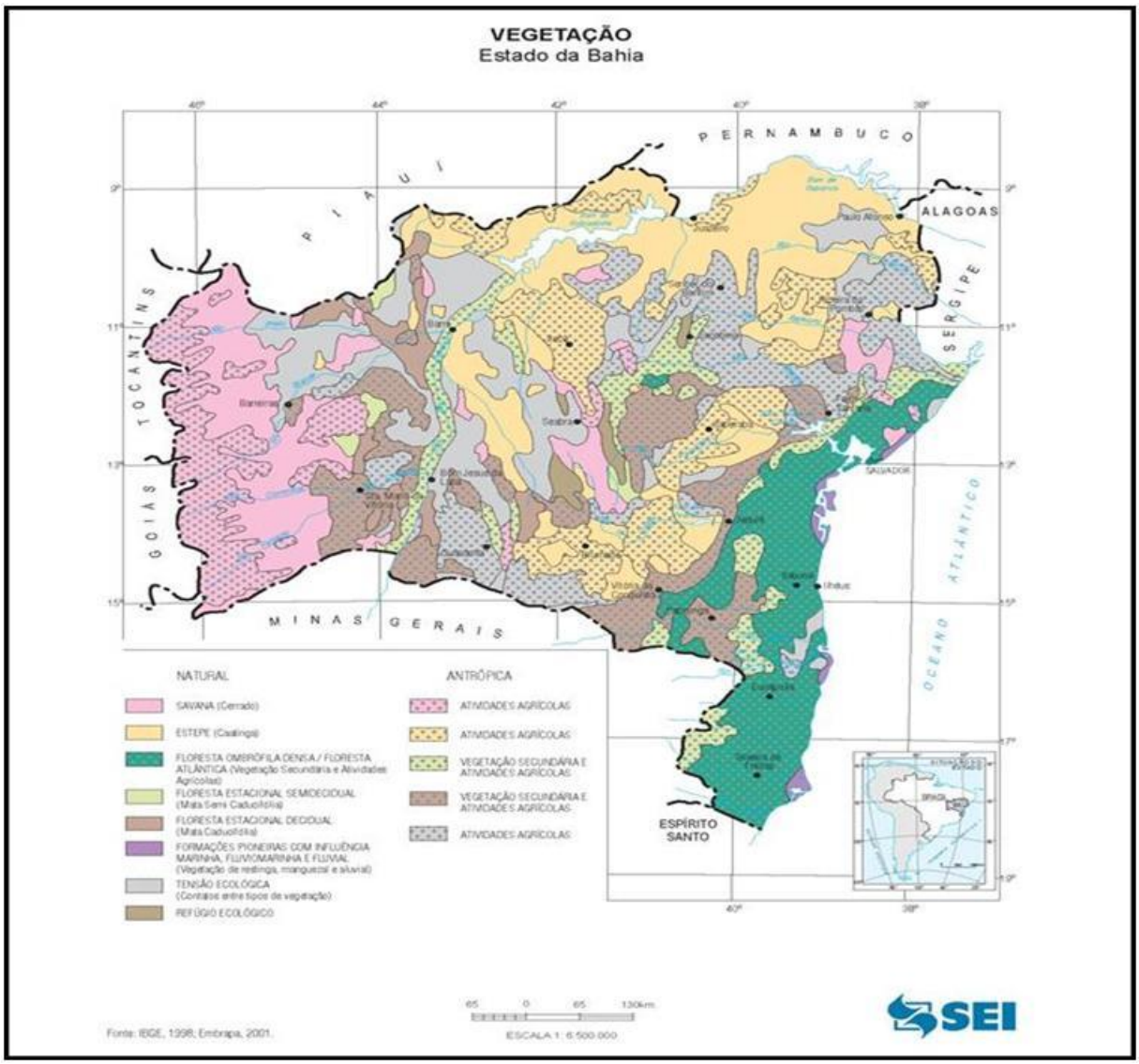
Tomando-se por base a identificação de espécies vegetais típicas da caatinga, nas atuais florestas e cerrados, pode-se afirmar que no Pleistoceno teriam ocorrido três a quatro períodos de clima seco, quando predominaram o intemperismo mecânico e os movimentos de massa que transportavam, desde material grosso até material fino, formando desta maneira um novo cenário vegetal e hidrográfico. (TRICART, 1958; BIGARELA, 1964, *apud* JATOBÁ, 1993).

No Quaternário, as mudanças nas condições paleoclimáticas foram responsáveis por repetidos avanços e recuos das florestas, de acordo com as diferentes fases chuvosas e secas. Nas épocas mais secas, as florestas recuavam e se restringiam às áreas onde as condições climáticas locais permitiam sua sobrevivência. Nas épocas úmidas acontecia o máximo da expansão das florestas (TRICART, 1958; BIGARELA, 1964, *apud* JATOBÁ, 1993). Nas fases glaciais predominam processos de erosão com grande transporte de massa de detritos. As fases interglaciais trazem intensos processos

de intemperismo químico e a ação erosiva é muito significativa. A mudança climática propicia o surgimento de um novo tipo de vegetação e com o desenvolvimento destas fases o atual panorama de vegetação e hidrografia é configurado (Fig. 11) (BIGARELLA; MOUSINHO, 1960, *apud* JATOBÁ, 1993).

Os rios da Bahia pertencem a dois grupos. O primeiro é integrado pelo São Francisco e seus afluentes entre os quais se destacam os afluentes da margem esquerda, que nascem no planalto ocidental (Carinhanha, Correntes, Grande e seu afluente, o Preto). O segundo grupo compreende os rios que correm diretamente para o oceano Atlântico (Mucuri, Jequitinhonha, Pardo, Contas, Paraguaçu, Itapicuru e Vaza Barris). Os dois grupos incluem, na região semiárida, rios de regime intermitente. (BIGARELLA E MOUSINHO, 1960, *apud* JATOBÁ, 1993).

Figura 11 - Mapa da vegetação no estado da Bahia

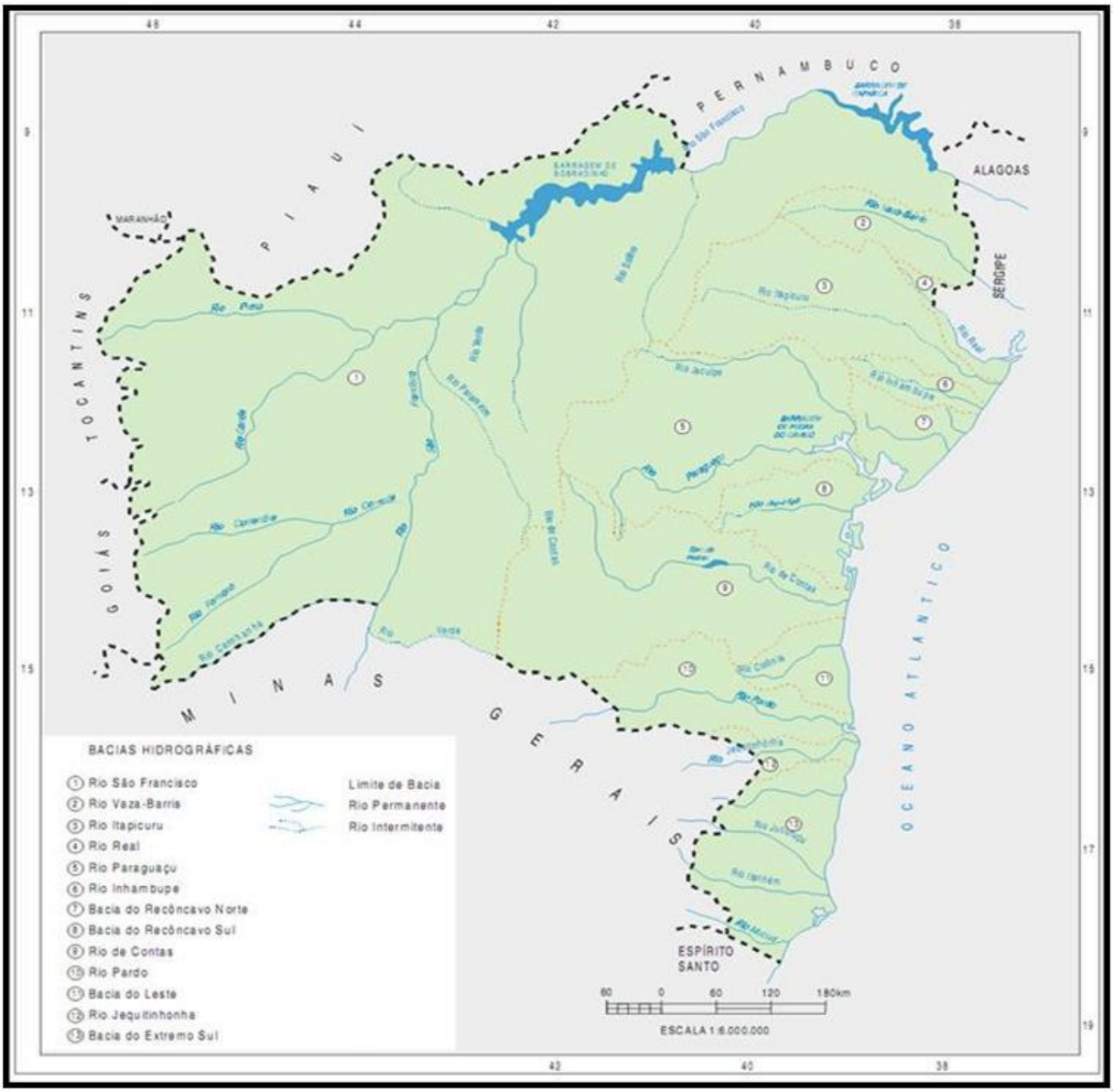


Fonte: Lima (2012)

O clima seco predominante na maior parte do interior do Estado da Bahia proporciona a existência de uma elevada gama de riachos intermitentes. É neste contexto hidrográfico que se situa

o município de Sento Sé onde se insere o Serrote do Caldeirão do Manezinho onde foram realizados os painéis de pintura rupestre, objetos da presente pesquisa (Fig. 12).

Figura 12 - Mapa hidrográfico do estado da Bahia



Fonte: Lima (2012)

3 ESTUDOS REFERENTES AOS REGISTROS RUPESTRES

Registro rupestre é a definição que se tenta impor à de arte rupestre, para livrar os arqueólogos da expressão puramente estética dos termos. Sabe-se que os grafismos rupestres foram as primeiras manifestações artísticas dos humanos, conforme estudos da história da arte. No entanto,

eles não podem ser considerados apenas como expressões artísticas porque carregam em si, também, a representação literal ou abstrata das dinâmicas sociais e culturais do passado.

O grafismo rupestre é um vestígio arqueológico encontrado em diversos locais do mundo. Consiste em gravuras, pinturas, motivos e lugares desenhados em estruturas naturais tais como paredes rochosas dos abrigos, cavernas e grutas, tetos, chão ou ainda em penhascos, mas também em afloramentos rochosos e blocos, em campo aberto. Segundo Whitley (2005 *apud* Castro, 2010), os registros são encontrados nas seguintes formas: pinturas, gravuras e figuras no solo, chamadas geoglifos. Seus conceitos e características são:

Gravuras são imagens realizadas mediante a fricção de instrumentos de dureza maior que a superfície rochosa. As técnicas de execução são: raspagem simples; raspagem com polimento; picoteamento simples; picotagem com polimento e raspagem com posterior colocação de pinturas (SANTOS, 2006 *apud* CASTRO, 2010).

Pinturas são grafismos realizados sobre a rocha mediante a aplicação de pigmentos. Em sua preparação são utilizadas substâncias minerais (óxidos de ferro, dióxido de manganês, carvão, argila), animais (sangue, ovos, gordura) ou vegetais (seivas, resinas, corantes). Na aplicação sobre rochosa usa-se o dedo ou graveto. Também pode ser utilizado com o sopro do pigmento colocado na boca, obtendo o contorno do objeto ou parte do corpo como a mão. Segundo Castro (2010), "o crayon é outra técnica utilizada para pintar, consistindo, basicamente, no uso do ocre[4] na forma bruta friccionando-o na superfície rochosa". **Geoglifos** são representações de grandes dimensões e elaboradas, em sua grande maioria, sobre o solo. Geralmente, apenas uma perspectiva aérea permite visualiza-los completamente.

Cenas do cotidiano dos grupos pretéritos como: cena de caça, rituais, dança, lutas, cenas de sexo, formas zoomórficas, antropomórficas, fitomorfas, inclusive, registros simbólicos passíveis de interpretações e documentação, são comumente chamados, na literatura arqueológica e da história da arte, de grafismo ou arte parietal.

Conforme Prous (2007), a maior parte da arte rupestre brasileira concentra-se nas regiões Centro e Nordeste, onde há suportes rochosos em calcário, quartzito ou arenito, que proporcionam abrigos e grutas adequados para essa prática. No entanto, também é conferida no Sul e na Amazônia, principalmente na forma de gravuras em matacões.

[4] Variedade de argila colorida pelo óxido de ferro, rica em hematita - ocre vermelho, ou em limonita - ocre amarelo.

3.1 Registro Rupestre no Brasil

Em 1598, o capitão mor Feliciano Coelho de Carvalho, se deparou, na Paraíba, com a primeira gravura rupestre noticiada no Brasil. Na mesma época, bandeirantes paulistas encontraram a Pedra dos Martírios em Goiás. Com o passar dos anos o número de grafismos encontrados foram aumentando, mas, apenas em 1964 registraram-se os primeiros levantamentos sistemáticos em algumas localidades das regiões Sul e Sudeste.

Duas escolas marcaram o início dos estudos sobre a arte rupestre no Brasil: a francesa, dirigida por Annette Laming-Emparaire, e a americana, dirigida por Clifford Evans e Betty Meggers que desenvolveram estudos arqueológicos especialmente na Amazônia. Com o objetivo de estabelecer o estado de conhecimento arqueológico no Brasil, implantou-se o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), sob a direção de Evans, que durou de 1965 a 1970, com o patrocínio da Smithsonian e do CNPq. O PRONAPA financiava as pesquisas arqueológicas no país. Apesar dos grafismos rupestres não serem os elementos essenciais do Programa, muitos sítios de Arte Rupestre foram descobertos nesse período (CORREIA 2009, apud CASTRO, 2010).

> Foi somente com a chegada da Missão Franco-Brasileira em Lagoa Santa (MG) e Piauí, em 1973, que houve um impulso nos estudos sistemáticos sobre a arte parietal. Esse procedimento foi especialmente estudado no Parque Nacional Serra da Capivara, sudeste do Piauí, onde as pesquisas arqueológicas tiveram início na década de 70, a partir dos trabalhos científicos desenvolvidos por uma equipe interdisciplinar financiada pela França, a Missão Franco-Brasileira do Piauí, dirigida por Niède Guidon, e continuada pela Fundação Museu do Homem Americano – FUMDHAM (MARTIN, 2008).

Nos últimos anos outras regiões estão sendo pesquisadas como a área arqueológica de Sobradinho, no extremo norte da Bahia abrangendo o local deste estudo. O aprofundamento de pesquisas nesta região contribuirá no objetivo de compreender a identidade, ou múltiplas identidades, relacionadas a toda extensão do Vale do São Francisco. Destaca-se que o passado e o presente se relacionam na medida em que as populações atuais obtêm o sentido de pertencimento e ancestralidade que se ligam através do registro arqueológico.

3.1.1 Tradições, Subtradições e Estilos

Com a dificuldade em se datar o registro rupestre, foi necessário estabelecer métodos analíticos que contribuíssem para entendê-lo espacial e cronologicamente. Desenvolveu-se, assim, o seguinte ordenamento progressivo: Tradição, subtradição, estilo e fácies.

O termo tradição chegou ao Brasil durante as atividades do PRONAPA. Segundo Keyser (2001 *apud* Castro, 2010), “na tentativa de classificar as unidades gráficas que poderão ser facilmente descritas e comparadas umas com as outras e com unidades de artes rupestres similares em outras áreas e períodos utiliza-se os termos de tradição, subtradição e estilo”. Desta forma, é possível construir um quadro comparativo que ajude a determinar quando, como e, às vezes, por quem a arte foi feita (CASTRO, 2010). Dessa forma, a classificação vai tratar de uma aproximação, podendo mostrar evoluções culturais no tempo e no espaço, uma vez que há uma aproximação nos painéis intra-regionais (PROUS, 1992). Para Gabriela Martin (2008), o conceito de Tradição, compreende “a representação visual de todo um universo simbólico primitivo que pode ter sido transmitido durante anos”. Observe-se, porém que as pinturas e gravuras de uma tradição podem não pertencer aos mesmos grupos étnicos e podem, inclusive, estar separadas por cronologias distantes.

Valentín Calderón (1970) classificou sítios rupestres do sudoeste da Bahia como Simbolistas e Realistas, dividindo-as em duas e três fases, respectivamente. Posteriormente, as duas classes definidas por Calderón passaram a conhecidas como Tradição São Francisco e Nordeste, respectivamente (RIBEIRO 2006 *apud* CASTRO, 2010).

Pessis e Guidon (1992) consideram os “tipos de figuras presentes nos painéis e as relações que se estabelecem entre os diversos grafismos que compõem um painel como determinantes de uma tradição”. Para Prous (ano e página), “a tradição consiste na categoria mais abrangente entre as unidades rupestres descritivas, implicando certa permanência de traços distintos e temáticos”.

Compreende-se por subtradição uma subdivisão da Tradição. Foi introduzido para definir um grupo vinculado a uma tradição e adaptado a um meio geográfico e ecológico específico onde adquire traços culturais próprios (MARTIN, 2008).

Utiliza-se o termo estilo pode caracterizar a evolução de uma subtradição segundo as variações técnicas na representação da temática dominante. Segundo Whitley (2005), “o estilo busca significar uma classificação histórico-cultural sugerindo um grupo étnico específico segundo as técnicas utilizadas por eles”. Para Keyser (*et al*, 2001 *apud* Castro, 2010), cada estilo está geralmente restrito a um tempo e lugar específico e em muitos casos pode indicar grupos étnicos ou culturas similares. Etchevarne (2007) define estilo como variações regionais que “podem estar presentes em um mesmo sítio e sua proporção numérica poderá informar sobre as possíveis áreas de mesmo âmbito de expressão ou de influência relativa”.

Para o presente trabalho definem-se as tradições pelo padrão de cognoscibilidade relacionado com amplo espaço e longo tempo; as subtradições estão relacionadas à temática dominante e distribuição geográfica e os estilos são definidos segundo a técnica de execução da temática

dominante em tempos definidos. Castro explana que no Brasil elaboraram-se e adotaram-se nove tradições que normalmente são aceitas pelos pesquisadores de arte rupestre. Essa pesquisadora organiza e caracteriza as tradições da seguinte forma:

Tradição Meridional: Mais sulina, reconhecida por Mentz Ribeiro (1979), caracteriza-se por gravuras geométricas simples, não figurativas, lineares ou pontuais, acompanhadas de representações que remetem a pés (humanos ou animais), e triângulos pubianos (PROUS, 1992 *apud* CASTRO, 2010).

Tradição Planalto: Denominação dada para imagens em mais de 100 painéis presentes em São Paulo, Minas Gerais e Bahia. Nesta tradição são representados zoomorfos pintados em vermelho, apresentando corpos chapados, pontilhados ou estriados. A maioria das figuras, especialmente as de animais é pintada.

Tradição São Francisco: Representações policromáticas altamente complexas, a maioria do tipo abstrato. São, na maioria, polígonos, quadrados divididos, internamente, por linhas vermelhas, muitas apresentando sinais de retoque. Há também representações de objetos (instrumentos e ferramentas). Essa tradição se estende do vale do rio que o designa a vários estados do Brasil central e oeste.

Tradição Litorânea Catarinense: Gravuras geométricas e antropomorfas esquemáticas localizadas em Ilhas do Litoral Catarinense.

Tradição amazônica: Exclusiva da região Norte do Brasil, consiste em gravuras e pinturas. São caracterizadas por figuras antropomórficas às vezes representadas por cabeças ornamentadas, mostrando partes das faces, como nariz, boca e dente (PEREIRA, 2008 *apud* CASTRO, 2010).

Tradição Nordeste: Motivos pintados encontrados no Nordeste brasileiro. Antropomorfos, zoomorfos (com destaque para os cervídeos) e fitomorfos são retratados de forma narrativa, mostrando cenas que aparentemente são do cotidiano ou ritual. Motivos geométricos abstratos são escassos. Algumas representações humanas são apresentadas revestidas de atributos culturais, tais como enfeites de cabeça, objetos nas mãos, etc. Quatro temas principais aparecem: dança, práticas sexuais, caça e manifestações rituais em torno de uma árvore (PESSIS, 2003 *apud* MARTIN, 2008). A cor dominante é o vermelho, mas amarelo, preto e branco também são empregados. As figuras menores são as mais velhas. Atualmente são conhecidas as subtradições Várzea Grande e Salitre, no sudeste do Piauí e a subtradição Seridó, no Rio Grande do Norte.

Tradição Agreste: Ainda em estudo, é bastante representada no Nordeste do país, mas também encontrada no Brasil central. As pinturas são tecnicamente bem distintas: antropomorfos de fatura grosseira, desprovidos de detalhes, grandes figuras estáticas e motivos geométricos, monocromático em vermelho. Em alguns momentos não permite, na maioria dos casos, a identificação das espécies animais. Não são numerosos e a maioria divide painéis com figuras de outras tradições.

Tradição Geométrica: Caracterizada por pinturas que representam uma maioria de grafismos não figurativos (círculos concêntricos, espiral, sulcos, irradiando linhas) e algumas mãos, pés, figuras humanas e de répteis extremamente simples e esquematizadas (PESSIS, 2003; MARTIN 2008).

Tradição Itacoatiara: Referida para as gravuras da região nordeste, sua definição ainda não é clara. A principal característica é sua proximidade a cursos d'água.

Para esta pesquisa adotam-se as tradições Nordeste e São Francisco como referências para análise e classificação das pinturas rupestres do Serrote do Caldeirão do Manezinho.

3.1.1.1 Tradição Nordeste

A Tradição Nordeste é encontrada em grande concentração e mais bem distribuída no Parque Nacional Serra da Capivara no sudeste do Estado do Piauí. Foi datada em aproximadamente 12.000 BP e, segundo Pessis, desapareceu por volta de 7.000/6.000 BP. Ela também ocorre nos estados de Pernambuco, Rio Grande do Norte, parte da Bahia, Ceará e norte de Minas Gerais. São pinturas monocromáticas que representam homens, animais, vegetação e, em proporção mínima, figuras geométricas tornando a tradição fácil de ser identificada.

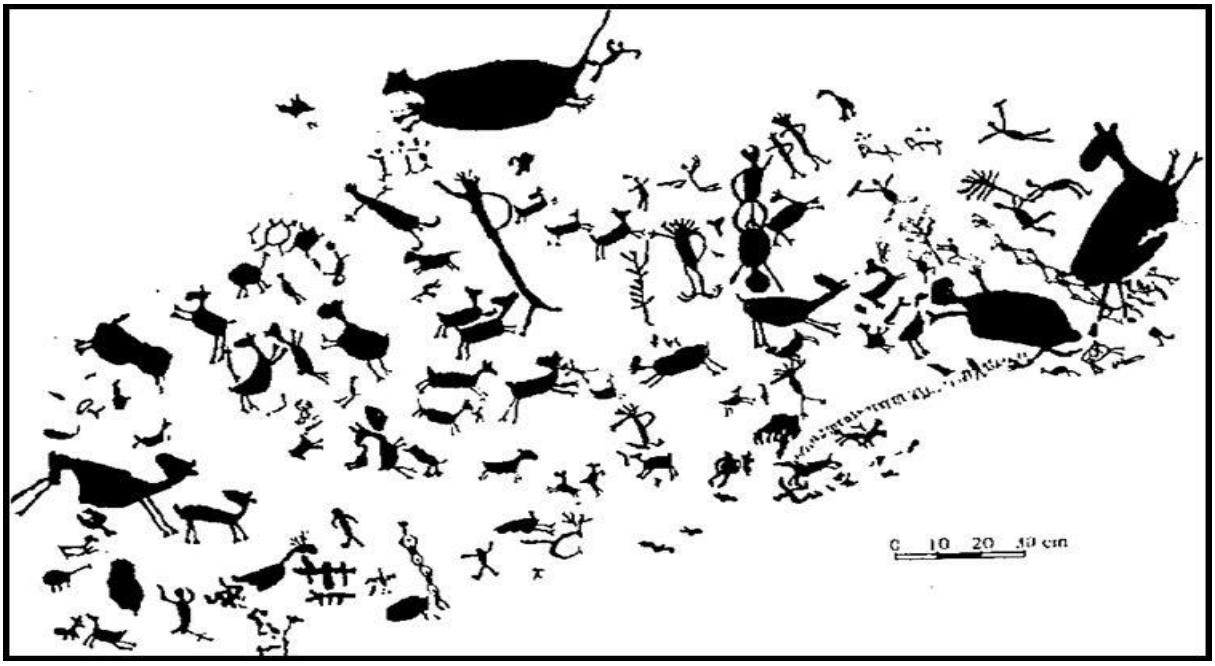
Os antropomorfos são representados em ações de dança, representações sexuais, cena de caça, ritos cerimoniais e cenas míticas. As preocupações temáticas dessa cultura eram essencialmente ligadas à vida (Fig. 13). Os temas tratados foram repetidos ao longo do tempo, com variações na forma de desenhar ou de organizar os elementos gráficos nos espaços de painel. (CASTRO, 2010).

Pessis (1987) afirma que as classificações dos registros rupestres se subdividem em subtradições, segundo critérios de diferenças regionais na apresentação gráfica de um mesmo tema. Kestering (2007) afirma que:

> A subdivisão das tradições em subtradições fundamenta-se no pressuposto de que os grupos vinculados a uma tradição continuam realizando, por longo tempo, grafismos com o mesmo padrão de cognoscibilidade, adicionando componentes temáticos e técnicos surgidos como resultado das adaptações ambientais e sociais ao novo hábitat.

Das três subclasses da Tradição Nordeste, a Subtradição Várzea Grande é predominante no Piauí e a Subtradição Seridó encontra-se principalmente no Rio Grande do Norte.

Figura 1 3 - Tradição Nordeste n a Toca da Entrada do Pajaú



Fonte: Souza (2009).

3.1.1.1.1 Sub- tradição Várzea Grande

Os painéis de pintura rupestre do Parque Nacional Serra da Capivara apresentam traços que caracterizam a subtradição Várzea Grande cujas primeiras manifestações ocorreram por volta de 12 mil anos. (CASTRO, 2010). Essa subtradição, a mais bem estudada e representada, está dividida em dois estilos: Serra da Capivara, o mais antigo, e Serra Branca, o mais recente. Os painéis que não se se classificam nesses estilos fazem parte do Complexo Estilístico Serra Talhada.

Estilo Serra da Capivara

Segundo Martin (ano e página), o estilo Serra da Capivara foi classificado como o primeiro e mais antigo, pode ter iniciado há 12.000 anos BP. Caracteriza-se por suas representações dinâmicas individuais que mostram aspectos lúdicos formados por casais, ou pequenos grupos de seres humanos ou animais, e apresentam-se exclusivamente na cor vermelha. Os temas apresentados no Estilo Serra da Capivara são a sexualidade, a dança lúdica e ritual, os ritos cerimoniais coletivos, a caça individual de pequenos animais.

Complexo Estilístico Serra Talhada

Os estudos realizados mostram que no segundo período datado de 9.000/8.000 anos BP, caracteriza-se pelas mudanças nas formas de apresentação, na técnica e representa uma temática mais complexa, pois aparecem: as primeiras representações de ações de violência, individual e coletiva. A caça, que era uma atividade representada individualmente torna-se coletiva e aparecem cenas de sexo grupal e representadas por figuras humanas ornadas de cocares, usando adornos. (MARTIN, 2013)

Segundo Martin (ano e página), nesse período aparecem pinturas nas cores branca, constituída de caolinita e gipsita, cinza, mistura natural dos pigmentos vermelho e branco e amarelo, composta por mineral. Caracteriza-se, também, por apresentarem a sua estrutura interna coberta com linhas geométricas.

Estilo Serra Branca

Este estilo aparece em torno de 7.000 anos BP. Caracteriza-se pelo desaparecimento do dinamismo na apresentação gráfica substituindo-se por uma tendência à rigidez dos contornos. A forma das figuras humanas e animais são retangulares, preenchidas com desenhos de tipo geométrico.

3.1.1.2 Tradição São Francisco

Segundo Prous (1992 *apud* Kestering, 2007), a Tradição São Francisco se caracteriza como portadora de grafismos abstratos ou geométricos que ultrapassam vastamente em quantidade os zoomorfos e antropomorfos.

> A utilização da bicromia é intensa nas figuras pintadas. Os raros zoomorfos são quase que exclusivamente peixes, pássaros, cobras, sáurios e talvez tartarugas. Bem notável é a ausência dos cervídeos que não aparecem em nenhuma cena. (...) A região norte mineira é caracterizada por representação de pés humanos, armas (lanças, propulsores), instrumentos (cestas, tipiti, panela, maracás? etc.) sem que haja cenas mostrando sua utilização (...). Perto de Januária, a temática é muito mais variada. (...) Perto das nascentes do Rio São Francisco (...) a porcentagem de animais aumenta, mantendo a bicromia mais característica da tradição do vale, com a figura chapada amarela, e um contorno vermelho. No norte mineiro, o preto e o branco foram também utilizados. (...) Os autores destas obras demonstram frequentemente um sentido de 'efeito' nos jogos de cores vivas e na organização interna das figuras

> geométricas mais complexas (...) que torna os sítios extraordinariamente espetaculares. (PROUS,1992 *apud* KESTERING, 2007).

As pesquisas realizadas do Alto ao Baixo São Francisco têm se destacado na questão de potencial arqueológico e na busca por compreender a identidade das populações pré-coloniais. Até o momento a Tradição São Francisco enquadra apenas uma subtradição, denominada Subtradição Sobradinho predominante no Submédio São Francisco (Fig. 15). No entanto, atuais estudos estão sendo realizados e podem culminar com a definição da Subtradição Sento Sé, no entorno da cidade, edificada na antiga aldeia homônima.

Figura 15 - Vetorização de pintura metafórico da Tradição São Francisco



Autoria: Vanessa Cosma da Silva (2016)

3.1.1.2.1 Subtradição Sobradinho

Os grafismos da temática dominante da Subtradição Sobradinho apresentam traços contínuos, em diagonal ascendente e descendente, quando horizontais, ou da esquerda para a direita e vice-versa, quando verticais. Neles identificam-se três padrões técnico-temáticos, um é dominante nas altas, outro, nas médias e o terceiro, nas baixas vertentes. (KESTERING, 2007).

O Estilo Olho D'água

O Estilo Olho d'Água é o padrão técnico-temático dominante das altas vertentes. Estima-se que boa parte dos grafismos desse estilo tenha sido realizada há mais de 9.000 anos AP. As principais características do Estilo Olho d'Agua são: ausência de delimitação, variedade de cores (monocromia vermelha, amarela ou bicromia vermelho e amarelo) e traços de largura média ou largos. (KESTERING, 2007).

Estilo São Gonçalo

O Estilo São Gonçalo é o padrão técnico-temático dominante das médias vertentes. Estima-se que a maior parte dos grafismos desse estilo tenha sido realizada no período de 9.000 a 6.790 anos AP**.** As principais características do Estilo São Gonçalo são: delimitação total, monocromia vermelha ou bicromia (vermelho e amarelo) e concomitância de traços largos e médios. (KESTERING, 2007).

Estilo Brejo de Dentro

O estilo Brejo de Dentro é o padrão técnico-temático dominante nas baixas vertentes. Estima-se que os grafismos desse conjunto tenham sido realizados no período de 6.790 anos AP até o Holoceno Superior, quando eram vigentes as condições climáticas atuais. As principais características dos grafismos do Estilo Brejo de Dentro são: delimitação total ou parcial, monocromia vermelha e exclusividade de traços de largura média. (KESTERING, 2007).

4 APORTES TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Assim como nos demais artefatos da cultura material, o estudo da arte rupestre sustenta-se em uma série de conceitos teóricos e metodológicos que possibilitam a avaliação dos resultados obtidos na pesquisa. Sua análise deve embasar-se em parâmetros derivados de um sistema de conceitos que permitam compreendê-la e classificá-la. Por ser entendida como o conjunto de fragmentos de um sistema de comunicação, importa saber o contexto em que está inserido, o padrão

de cognoscibilidade dominante, a temática mais recorrente e as técnicas de execução relacionadas com o tempo.

Assim, este capítulo trata dos procedimentos utilizados em campo e em laboratório para o desenvolvimento deste estudo, levando em conta o embasamento teórico, sobretudo no viés pós-processualista. Iniciou-se a pesquisa com estudos bibliográficos sobre atributos da identidade de grupos pré-coloniais. Continuou-se com estudo bibliográfico sobre os conceitos de tradição, subtradição e estilo sua importância como elementos de reconhecimento da identidade dos autores dos grafismos. As pesquisas de campo, o mapeamento e o registro fotográfico permitiram uma inicial compreensão da ocupação pretérita do território que atualmente pertence ao município de Sento Sé.

As atividades práticas se desenvolveram pelo reconhecimento do local de estudo onde se identificaram e se cadastraram quatro sítios arqueológicos quais sejam: Manezinho 1, Manezinho 2, Manezinho 3 e Manezinho 4. Durantes dois dias em mata fechada, realizaram-se as medidas gerais de cada sítio e se fotografou cada painel rupestre. Na companhia do guia Juvêncio Rocha da Silva, fez-se o registro documental em fichas e fotografias para efetuar a análise proposta pela pesquisa.

Além da atividade de registro arqueológico levantou-se o histórico do local através da oralidade, sobretudo referente a apropriação da região pela CHESF e a posterior instalação do parque eólico que se encontra próximo aos sítios. Pela observação do ambiente buscou-se compreender como o espaço e a paisagem foram utilizados pelos grupos humanos pretéritos.

4.1 Abordagem Pós-processualista

Uma das principais características da arte rupestre é a estreita relação com o entorno em que ela está inserida (LAMING-EMPERAIRE, 1951; SCHOBINGER & GRADIN, 1985 apud CARDEN, 2009; BAHN, 1998; BOADO, 1999; WHITLEY, 2005; TRONCOSO ET AL, 2008; CORREIA, 2009). Por isso, é necessário ter a noção da paisagem compreendida como um fenômeno social de três dimensões: física, social e simbólica. (CASTRO, 2010, *apud* BOADO, 1999):

- A dimensão física é o estudo da ação humana no meio ambiente. Realiza-se esse estudo em colaboração com diversas outras disciplinas como a Geoarqueologia, Ecologia, Geografia Física e Paleoecologia;
- A dimensão social aborda o ambiente como meio e produto das relações humanas;
- A dimensão simbólica interpela a paisagem como um meio construído e idealizado por grupos sociais e, dessa forma, não se separa da percepção humana. Essas manifestações culturais, além de

estarem integradas à paisagem, são produtos sociais e como tais articulam aspectos materiais, a partir do processo de trabalho que aplicam sobre os substratos físicos e simbólicos, ao se tratar de representações da realidade social (BOADO, 1999; TRONCOSO, 2008; CARDEN, 2009; ASCHERO, 2010).

O estudo da paisagem envolve questões acerca das condições de exploração do meio que estão relacionadas a uma ordem cognitiva e a um apego sentimental ao local habitacional ou ritualístico dos grupos que por ali passaram. A paisagem representa, assim, um pouco da cultura daquelas comunidades antigas (FAGUNDES, 2008; SILVEIRA, 2009).

A cultura é o que permite a organização social por meio de sistemas de significados criados, recriados e transmitidos por um grupo (CASTRO, 2010, *apud* LÉVI-STRAUSS, 1989). É próprio da natureza da sociedade exprimir-se simbolicamente em seus costumes. Segundo Mauss (1974), a cultura é um sistema simbólico e este, por sua vez, uma construção coletiva, por que não se pode simbolizar sozinho.

A ideia da arte rupestre como resultado da projeção dos aspectos simbólicos invoca uma dicotomia na qual a paisagem é concebida como natural, ecológica, enquanto reflexo de uma cultura (CARDEN, 2009). Deste modo, a arte rupestre, como cultura material, é a projeção da mentalidade de um grupo sobre a natureza. (HODDER, 1988).

Em decorrência disso, o estudo da paisagem deve contemplar as três dimensões expostas por Criado Boado (1999) de forma complementar e, segundo Layton (2000), são assinaladas duas tendências opostas quanto ao seu tratamento: por um lado, o ecológico e naturalista e por outro a simbólica e culturalista. A primeira é a visão do meio numa perspectiva ambiental que é modificada pela ação do homem. O ambiente existe independentemente daqueles que vivem nele. Ele é um objeto externo à percepção, enquanto a conduta humana é uma resposta a esse meio. Por sua vez, a perspectiva culturalista é humanista e idealista. Nessa ótica, a paisagem é entendida como imagens culturais e simbólicas (CARDEN, 2009; CORREIA, 2009).

A ideia do estudo da paisagem externa relaciona-se com as propostas das correntes normativas e pós-processualistas, que têm a preocupação em interpretar os dados arqueológicos a fim de chegar ao mundo simbólico dos grupos antigos. Essa linha aceita várias leituras sobre um painel rupestre, desde que não seja determinada como a única possível, pois permite que haja múltiplos olhares para um mesmo artefato (CASTRO, 2010, *apud* CORREIA, 2009).

Para levantamento dos vestígios arqueológicos, Hodder (1988) propõe a contextualização dos diversos artefatos. Sugere que se associem os vários itens da cultura material, relacionando-os com o

seu contexto. Isso permitirá interpretar os dados mesmo que seus autores não existam mais. O contexto permite inferir análises interpretativas.

Para efeito desse estudo, atotam-se disciplinas filosóficas como a Hermenêutica e a Fenomenologia (CORREIA, 2009). A primeira é a teoria geral da interpretação, que vê o homem como um ser que vive na pré-compreensão e na interpretação do mundo que o cerca (MONDIN, 1981 apud CASTRO, 2010). A Fenomenologia, fundada por Husserl, é o método de apreensão absoluta das coisas. Husserl afirma que os fenômenos da consciência são importantes e, por isso, devem ser estudados em si mesmos. Assim, a investigação fenomenológica busca a consciência do sujeito através da expressão das suas experiências internas. Martin Heidegger traz a problemática do ser e da recolocação da Ontologia. Ele contribui com a Fenomenologia ao descrever a estrutura do cotidiano, com tudo que isto implica nos projetos pessoais, relacionamentos e papéis sociais. (MOURA, 2001).

A contribuição fenomenológica para a investigação contextual arqueológica se deve à compreensão de que a paisagem está repleta de significados imbuídos, encaixados e recriados a partir das experiências e necessidades humanas (CHAPMAN AND GEAREY 2000, CHIPINDALLE 2003 apud CORREIA, 2009). A Arqueologia Contextual incorpora a Arqueologia Ambiental ou da Paisagem. A partir dos anos 1990, ela passou a integrar o homem no contexto espacial. Esse estudo vai além do simples levantamento dos recursos alimentícios. Ele prossegue com a análise de como o homem pensava o meio (BAHN, 1998; BOADO, 1999; LAYTON, 2000; FAGUNDES, 2008; CORREIA, 2009 apud CASTRO, 2010). Para tal aprofundamento, a Fenomenologia fez importantes contribuições, enfatizando as vivências dos grupos pretéritos locais.

As abordagens teóricas pós-processuais facultam interpretações contextuais da paisagem que são tão importantes quanto o próprio estudo dos artefatos em si. Assim passou-se a interpretar os grafismos rupestres como artefatos ligados às estratégias adaptativas dos grupos pretéritos. Como forma de contribuição para os levantamentos arqueológicos fazem-se estudos simbólicos que contemplam a valorização dos aspectos sensitivos de cada sítio.

4.2 Aportes Teóricos

Partindo da constatação de que, há seis mil anos, os grupos ocupantes da área do atual Parque Nacional Serra da Capivara deixaram de realizar pinturas da Tradição Nordeste, formula-se a hipótese de que eles teriam modificado alguns de seus atributos culturais pela assimilação da estrutura do sistema de comunicação de grupos da Tradição São Francisco. Pessis (1987), afirma que a Tradição Nordeste “desapareceu silenciosamente”.

> As datações obtidas e a análise da indústria lítica confirmam as conclusões às quais chegamos graças ao estudo da arte rupestre. A tradição Nordeste, evidente desde há 12.000 anos parece desaparecer por volta de -7.000/-6.000 anos (...). Na zona de São Raimundo Nonato a tradição Agreste é periférica e limitada entre 10.500 e 6.000; com o desaparecimento dos povos de tradição Nordeste ela domina. (GUIDON, 1989)

Segundo Castro (2010), reconhecem-se identidades pelos atributos. Entende-se por atributo cada uma das propriedades qualitativas ou quantitativas que distingue um membro de um conjunto. É uma característica que permite o reconhecimento de uma entidade. Atributos que permitem o reconhecimento de identidades coletivas são peculiaridades comuns, perceptíveis nos padrões físicos, da cultura material ou imaterial de um grupo. Um conjunto de indivíduos com atributos comuns constitui, assim, uma identidade coletiva. Pode-se, por isso, reconhecer a identidade de grupos pré-coloniais, nos atributos conservados na cultura material da qual fazem parte os grafismos rupestres.

Muitas espécies animais possuem atributos físicos que lhes bastam para a sobrevivência. Outras, entre as quais os humanos, por serem despossuídas de aptidões físicas vantajosas em relação às outras espécies e aos fenômenos ambientais, precisam desenvolver técnicas e comportamentos padronizados para suprir suas limitações. Comportamentos padronizados caracterizam-se como rituais. (KESTERING, 2007).

Os rituais são constituídos por conjuntos de ações regulares e repetitivas que os grupos realizam nas ações do cotidiano, para compensar limitações físicas, equacionar problemas de rotina ou preservar a memória de acontecimentos importantes à sua sobrevivência e sucesso reprodutivo. Os rituais não são ambíguos porque reproduzem movimentos corporais rigorosamente padronizados. Os genomas dos indivíduos contêm informações de comportamentos teleonômicos que deram certo e garantiram a sobrevivência e o sucesso reprodutivo dos grupos. De acordo com Piaget (1996), “os genomas são sistemas organizados de *genes* que regulam a manutenção de estruturas que dão estabilidade física e emocional aos indivíduos”. É por isso que as ações dos humanos como as de outras espécies animais obedecem a padrões motores aprendidos nas experiências acumuladas. (KESTERING, 2007).

No processo de realização de artefatos, os padrões motores dos indivíduos imprimem marcas que se conservam e permitem o reconhecimento de atributos da identidade dos grupos. A presença recorrente de formas e de técnicas nos registros rupestres sugerem, por isso, padrões gestuais e comportamentais dos autores com as quais estão relacionadas. O auxílio de outras ciências, para a reconstituição da paisagem e obtenção de cronologias, concorre para a redução de ambiguidades sobre a identidade dos grupos pré-coloniais. Pessis (2003) argumenta a possibilidade de

reconhecimento dos atributos padronizados de grupos pré-coloniais que se conservam nos artefatos, dizendo que:

> (...) cada indivíduo de uma comunidade, para se relacionar socialmente, utiliza formas de apresentação corporal e ornamental como constantes que fazem parte de sua identidade social. Essas modalidades de se exibir envolvem posturas, gestos, sons, ornamentos, ritmos, que viabilizam a integração das pessoas em um universo fluido de comunicação.

Para segregar a identidade dos grupos pré-coloniais do Vale do São Francisco, busca-se, nas pinturas rupestres, o reconhecimento de padrões. A padronização das ações desses grupos preserva-se nos grafismos rupestres. Ela resulta de um conjunto de ações aprovadas pelo grupo. Tudo o que acontece na vida cotidiana, sem a aprovação do grupo, não passa de expressões fortuitas, sem padronização (DUVIGNAUD, 1992 *apud* KESTERING, 2007).

Em relação aos registros rupestres, os atributos de identidade podem ser segregados nos padrões de cognoscibilidade, temática e técnica. Por fazerem parte da estrutura do sistema de comunicação que se relaciona com a sobrevivência dos grupos, o padrão de cognoscibilidade é transmitido de geração em geração, durante milênios. Grandes conjuntos gráficos segregados a partir da identificação de padrão de cognoscibilidade são, por isso, classificados em uma tradição. Segundo Martin (1998), tradição é a representação visual de um universo simbólico transmitido durante milênios.

Segundo Castro (2010), os artefatos têm diferentes graus de significação para a sobrevivência dos grupos. Alguns, de significância maior, são mais recorrentes que outros. A grande quantidade de registros rupestres que se conservaram em abrigos e escarpas da região Nordeste do Brasil, atesta sua alta significância para a sobrevivência dos grupos pré-coloniais. As pinturas e as gravuras que resistiram à ação deletéria do tempo são fragmentos do sistema de comunicação. São marcadores de memória, imprescindíveis para a sobrevivência dos grupos. Desta forma, estes atributos contribuem para as análises de registros.

O estruturalismo, originalmente derivado da linguística, foi aplicado na Antropologia por Claude Levi-Strauss e posteriormente usado na Arqueologia. Essa teoria se baseia no modo como a mente se organiza e opera especificamente na categorização do mundo em oposições binárias. Seu objetivo principal era compreender a arte rupestre através de seus princípios estruturais. Com base nos pressupostos teóricos binários do estruturalismo europeu, Lévi-Strauss (1908 – 2009), classificou as sociedades humanas em "frias" e "quentes". Com esse ordenamento, contrapôs os mitos que são eternos (estáticos) à história que é dinâmica (faz-se e refaz-se). Formou, então, o seguinte quadro:

As sociedades "frias" (primitivas) encontram-se "fora da história". Orientam-se pelo modo

mítico de pensar. Define-se o mito como uma "máquina de suprimir o tempo". **As sociedades "quentes" (civilizadas) m**ovem-se dentro da história. Dão ênfase ao progresso e estão em constante transformação tecnológica (SHILLING, 2003).

Partindo desta ideia Hernando (2002) caracteriza as sociedades frias como metonímicas e as sociedades quentes como metafóricas. Segundo ela, as sociedades que adotam preferencialmente o espaço como referência são metonímicas. Para ela as sociedades quentes (metafóricas) utilizam mais a referência do tempo. Metonímia é uma figura de linguagem em que se emprega um termo por outro, pela relação de semelhança ou a possibilidade de associação entre eles. Metáfora é a palavra ou expressão que produz sentidos figurados por meio de comparações implícitas. É uma comparação que apresenta de forma literal uma equivalência que é apenas figurada. A palavra deriva do grego *meta* algo e *phora* sem sentido. São duas frases ligadas sem sentido explícito. A metáfora trabalha com os traços semânticos comuns entre duas ideias.

No universo dos registros rupestres os conceitos de metonímia e metáfora aplicam-se quando se propõe identificar seus autores. As sociedades que realizaram, predominantemente, pinturas ou gravuras representativas do mundo sensível, conhecido pelos autores e pesquisadores, são metonímicas. As que, por sua vez, optaram pela realização dominante de figuras não representativas do mundo sensível são metafóricas. É por isso que, na região Nordeste do Brasil, os grupos pré-coloniais que realizaram, dominantemente, as figuras metonímicas são classificados como da Tradição Nordeste. Os que, optaram pela realização de pinturas metafóricas são classificados como da Tradição São Francisco. (KESTERING, 2014)

Para identificar a tradição dos autores dos registros rupestres faz-se a análise das figuras do universo da pesquisa para aferir se elas são dominantemente metonímicas ou metafóricas. Segundo Kestering (2014),

> Para isso utiliza-se o parâmetro da cognoscibilidade. Entende-se como cognoscibilidade a qualidade do que é cognoscível. A cognoscibilidade depende da relação dialógica entre o sujeito cognoscente e o objeto cognoscível. Existem objetos que, por sua natureza (essência ou estrutura) e por seus atributos (aparência) são facilmente identificados. Outros dependem do conjunto de conhecimentos, da capacidade de percepção ou do grau de aprimoramento técnico do sujeito cognoscente (...)

Segundo Hussell (1964), todo o conhecimento envolve a relação direta do sujeito cognoscente com algum objeto (a relação de conhecer diretamente ou, conversamente, de apresentação de um objeto a um sujeito cognoscente), mesmo que esse conhecimento seja por descrição de outro objeto.

No processo de análise dos registros rupestres, reconhecem-se padrões de cognoscibilidade

pela identificação de grafismos conhecíveis e reconhecíveis. As unidades de grafismos conhecíveis são facilmente identificadas porque representam os componentes essenciais de elementos do mundo sensível conhecido pelo autor e pelo pesquisador. Segundo Kestering (2010), para a identificação de grafismos reconhecíveis, que não representam realidades conhecidas pelo pesquisador, considera-se unidade gráfica um signo ou todo o conjunto de signos e espaços vazios de um painel, enquanto não são identificadas ocorrências de figuras tematicamente semelhantes em outros painéis. Quando se encontra um grafismo semelhante, eles são reconhecíveis nas recorrências.

À exemplo de constatação de padrões de cognoscibilidade, Kestering (2007), em 112 sítios da região de Sobradinho constatou que,

> o padrão de cognoscibilidade das pinturas rupestres era semelhante ao dos sítios pesquisados no planalto central do Brasil e em toda a extensão do Vale do Rio São Francisco. Com base nessa constatação, classificou o conjunto pesquisado como Tradição São Francisco.

Estes atributos de identidade podem ser modificados diante das exigências ambientais e de relações sociais internas e externas dos grupos. Os grupos são sistemas abertos, com dinâmicas próprias que promovem trocas genéticas e culturais. As trocas de genes e os intercâmbios culturais revigoram os indivíduos, aprimorando sua visão de mundo. Mesmo conflituosas, as relações entre grupos sociais acabam em apropriações biológicas e culturais, tanto pelos remanescentes dos vencidos como pelos vencedores (FERREIRA NETO *in* CARDOSO e VAINFAS, 1997 *apud* KESTERING, 2007). De acordo com Bateson (1977, *apud* Kestering, 2007), as apropriações que ocorrem nos contatos sociais “promovem fusão completa dos grupos originalmente diferentes, podendo haver a predominância de um dos grupos ou até mesmo dos dois, ou ainda, persistência dos dois grupos em um equilíbrio dinâmico, no interior de uma comunidade maior”.

Os grupos de uma mesma espécie precisam estar ligados por cruzamentos. Não havendo cruzamentos com outros grupos, ao longo do tempo, os indivíduos definham-se. Em isolamento geográfico, um grupo de indivíduos pode evoluir para uma subespécie, ainda em condições de cruzamento. Se a barreira que impede o cruzamento persistir por muito tempo, a tendência da subespécie isolada é evoluir para outra espécie, o que significa que, se encontrar populações da espécie original, não se cruzará mais com elas (WILSON, 1994 *apud* KESTERING, 2007).

> Por serem uma espécie biológica definida, os humanos, formam um conjunto genético fechado porque não trocam *genes* com outras espécies. Os indivíduos de um grupo não podem, por isso, se desviar muito dos demais porque precisam intercambiar genes com famílias de outros grupos. (KESTERING, 2007)

Grupos humanos fazem modificações no seu sistema de comunicação, adequando-o tanto ao

habitat, quanto às dinâmicas sociais. Modificam-se, assim, alguns elementos do padrão gráfico herdado. Nos registros rupestres, observam-se essas adequações nas mudanças temáticas representadas por grupos de origem comum, em condições ambientais diferentes.

> Temática é o germe a partir do qual se podem desenvolver diferentes composições de figuras conhecíveis e/ou reconhecíveis. Seu reconhecimento é possível na peculiaridade das formas. As temáticas das figuras conhecíveis caracterizam-se pela representação de expressões corporais e/ou atributos de identidade, como antropomorfos (ornamentação, braços erguidos ou fletidos, tamanho, etc.), zoomorfos (mamíferos como veados, capivaras, felinos, etc.), lagartos, quelônios, aves (com asas fechadas ou abertas), anatômicos (braços, mãos, pés, etc.), peixes e/ou plantas. Nas figuras reconhecíveis, caracterizam-se pela presença de elementos básicos (signos e significantes) e seu agenciamento nas unidades gráficas. (KESTERING, 2007).

A identificação da temática dominante no conjunto gráfico de uma tradição permite, por isso, classificar conjuntos de grafismos em subtradições e reconhecer mudanças que ocorrem, ao longo do tempo no interior dos grupos sociais. (CASTRO, 2010)

A transmissão de atributos físicos e culturais envolve processos diferentes. Os atributos biológicos são transmitidos nas estruturas genéticas do DNA e os culturais, no processo de ensino aprendizagem. Apesar da característica comum da transmissão de atributos genéticos e culturais, as espécies biológicas diferentes não se cruzam e, quando o fazem, produzem descendentes estéreis, enquanto os atributos culturais resultam de cruzamentos férteis de toda espécie (GALLAY, 1983; BASALLA, 1991 *apud* KESTERING, 20007).

Grande parte das mudanças nos atributos culturais acontece nas relações pessoais ou grupais. As transmissões de atributos culturais de identidade podem acontecer no cruzamento horizontal de informações, quando indivíduos aprendem de seus contemporâneos; vertical, de seus antecessores ou oblíqua, de outras pessoas mais velhas. Quando as informações são transmitidas verticalmente, de pai para filho, ocorrem pouquíssimas mudanças; quando se cruzam no interior dos grupos sociais, são sutis; quando são transmitidas entre diferentes grupos sociais, as mudanças são radicais e, por isso, facilmente identificáveis. Quando as informações são repassadas de um para muitos, os atributos se propagam rapidamente, produzindo um considerável grau de mudança homogênea; quando a transmissão é feita de muitos para um, como no caso de um conselho de anciãos ou membros de uma geração mais velha, o resultado é também a uniformidade, mas a mudança é pouca (SHENNAN, 2002 *apud* KESTERING, 2007).

Na construção das identidades atuam agentes conservadores como a tradição, o poder e a própria estrutura genética que uniformizam e perpetuam padrões de comportamento dos indivíduos e dos grupos. O processo de ensino aprendizagem que se realiza nos intercâmbios, não se reduz à simples cópia de atributos. A aprendizagem envolve estruturas físicas que dependem

dos sistemas hormonal e nervoso, herdados geneticamente. Os sistemas nervoso e hormonal são responsáveis pelas relações dos indivíduos com o ambiente e com os outros membros da espécie. O sistema nervoso é constituído por um conjunto de neurônios que se conecta e transmite mensagens do mundo externo ao cérebro. No cérebro, as mensagens são interpretadas e assimiladas. Os atributos culturais dos grupos estão, por isso, ligados a coordenações profundas dos genomas dos indivíduos. Enquanto alguns genes regulam resposções adaptativas ao ambiente, outros são responsáveis pela renovação de metabolismos que mantêm a estrutura do conjunto (PIAGET, 1996 *apud* KESTERING, 2007).

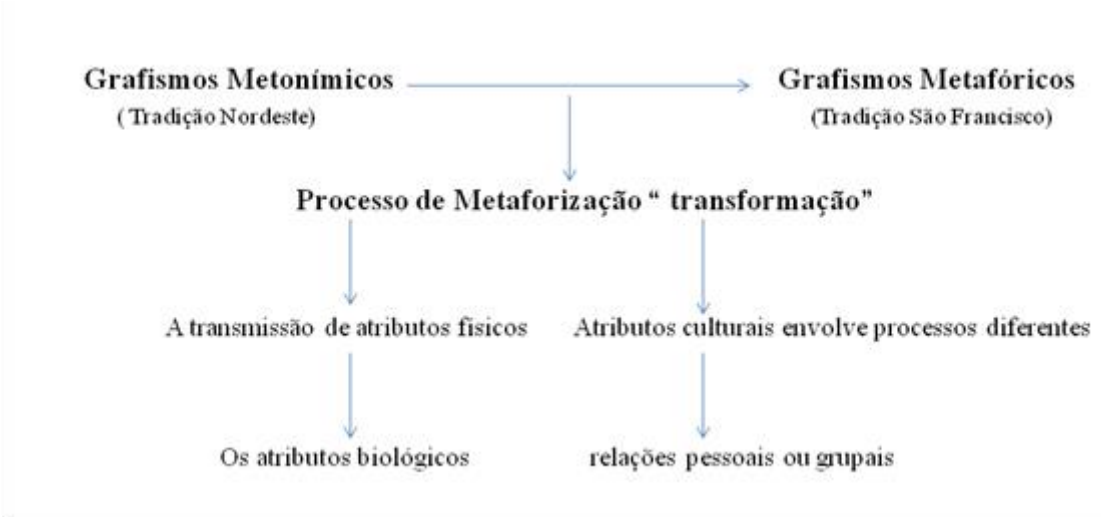
Nos intercâmbios com o meio ambiente e com outros grupos, os indivíduos agregam à sua identidade os atributos adquiridos pelo processo de aprendizagem. No processo de aprendizagem, a assimilação da realidade externa, para a produção de conhecimentos, depende da estrutura genética dos indivíduos e da estrutura mnemônica do grupo. As estruturas mnemônicas são arquivos de memória pelos quais se reconhecem os traços funcionais essenciais dos objetos. Assim, a capacidade de perceber e reproduzir imagens depende, em última instância, de disposições físicas e de potencialidades desenvolvidas pelos indivíduos, no contexto social e ambiental. Vê-se o que se está condicionado a ver. Percebe-se e incorpora-se aquilo que se associa com as estruturas mnemônicas. Por estarem estreitamente relacionadas com a estrutura genética e mnemônica, as manifestações culturais preservam atributos caracterizadores da identidade dos grupos. Entende-se por estrutura o modo como estão dispostos e se relacionam as partes de um conjunto. (KESTERING, 2007).

As estruturas genéticas e mnemônicas transmitem-se de geração em geração e se manifestam nas homologias. Segundo Wilson (1978 apud Kestering, 2007) “homologia é toda a semelhança entre estruturas anatômicas, processos fisiológicos ou genes idênticos de duas ou mais espécies, decorrente da posse de um antepassado comum”. A constatação de que existem homologias no comportamento animal leva etólogos a defenderem a proposição de que, na passagem de atributos culturais de identidade entre gerações, funcionam processos semelhantes aos fatores que mantêm atributos físicos na herança genética (LORENZ, 1995 *apud* KESTERING, 2007).

Utiliza-se o conceito de homologia para os atributos culturais de identidade que, apesar de apresentarem mudanças ao longo do tempo, mantêm constante uma estrutura com a qual se relacionam diferentes grupos a um ancestral comum. No interior do conjunto gráfico da Tradição Nordeste, do Parque Nacional Serra da Capivara, Pessis (1987 apud Kestering, 2007), constatou recorrências milenares na “maneira como as figuras estão agenciadas em diferentes unidades para representar unidades temáticas ou composições”.

Com base nesta fundamentação teórica, formula-se a hipótese de que os grupos de diferentes ancestralidades mantiveram contatos nos quais ocorreram intercâmbios genéticos e culturais que se materializaram nos registros rupestres. Dada a proximidade do Parque Nacional Serra da Capivara com o Médio e o Submédio São Francisco, é muito provável que esses intercâmbios tenham ocorrido entre grupos da Tradição Nordeste e da Tradição São Francisco (Fig. 17). É provável que nesses contatos tenha ocorrido "fusão completa dos grupos originalmente diferentes" (BATESON, 1977, apud KESTERING, 2007, p. 31). Como a Tradição Nordeste é eminentemente metonímica e a São Francisco, essencialmente metafórica, é bastante provável que Área Arqueológica de Sobradinho tenha ocorrido um processo de metaforização e o consequente "desaparecimento silencioso" da Tradição Nordeste (PESSIS, 1987)

Figura 17 – Processo de metaforização da Tradição Nordeste



Autoria: Vanessa Cosma da Silva

5 ÁREA ARQUEOLÓGICA DE SOBRADINHO

As pesquisas arqueológicas na Área Arqueológica de Sobradinho – BA começaram na década de 1970, com o Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico. Executou-se esse projeto em toda a área de inundação da Barragem, num raio de 4.214 km², bem como na área de segurança e suas adjacências. Ele trabalho foi realizado por uma equipe de Valentin Calderón. Os primeiros sítios arqueológicos com registros rupestres na região de Sobradinho foram, assim, identificados durante essas atividades, sendo caracterizados pela equipe como sítios com arte parietal (KESTERING, 2001, apud RIBEIRO, 2014).

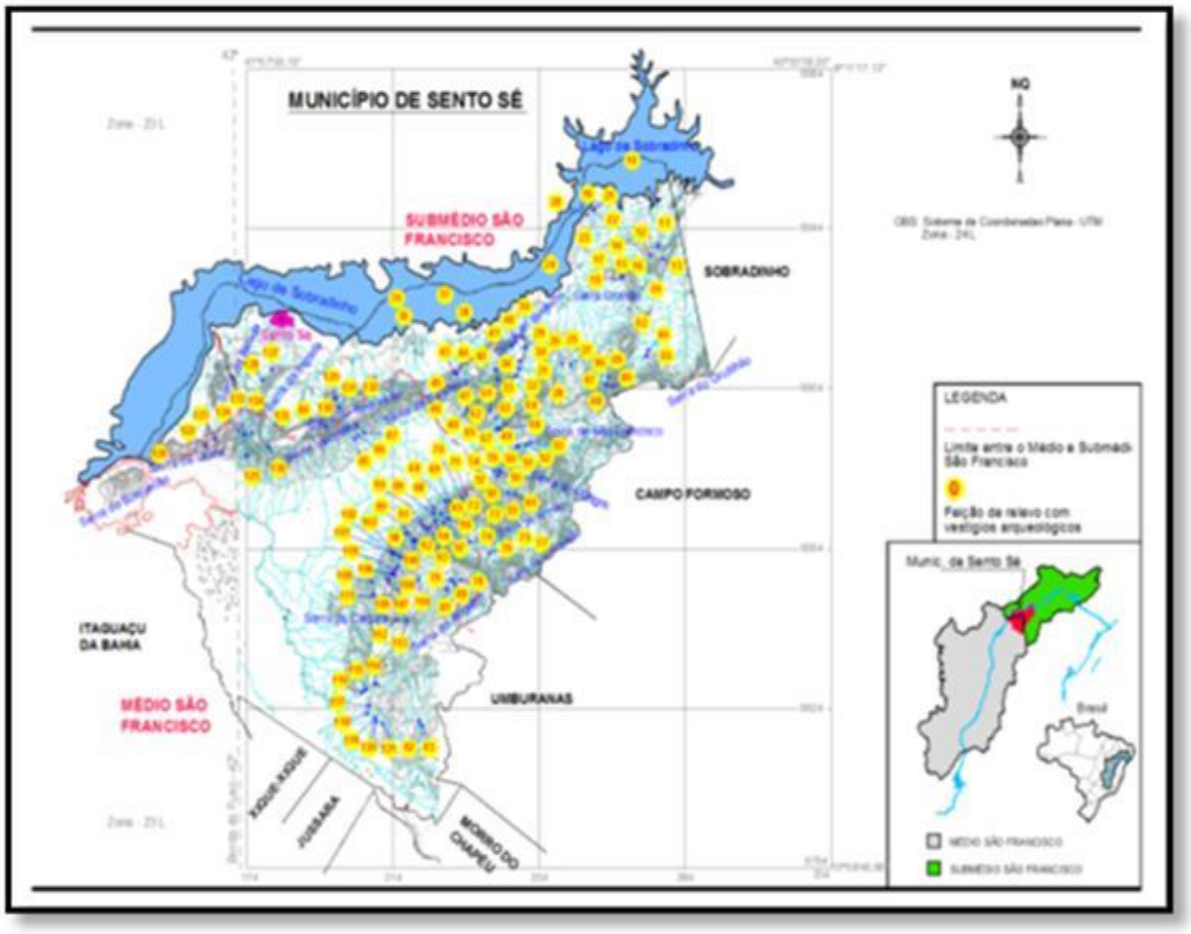
Segundo Kestering (2001), durante a realização dos trabalhos de campo a equipe de

Calderón visitou os locais que poderiam apresentar fragmentos de cerâmica e artefatos da indústria lítica em superfície. Quando identificava vestígios arqueológicos, a equipe realizava a demarcação da área, gerava plantas, fazia o registro fotográfico para coletá-los em seguida. Confirmada a área como local de ocupação, realizava-se a escavação de algumas sondagens.

Finalizadas as atividades do Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico, nenhuma outra pesquisa foi realizada na região até Kestering (2001) iniciar o trabalho de caracterização dos registros gráficos pré-coloniais no Boqueirão do Riacho São Gonçalo. Kestering (2007) ampliou seu trabalho definindo uma subtradição para os registros rupestres dessa área arqueológica, a Subtradição Sobradinho. Lima Filho (2013) propôs, em nível preliminar e hipotético, algumas fronteiras da Subtradição Sobradinho.

Prosseguiu-se a pesquisa com cadastramento das feições de relevo com artefatos arqueológicos no município de Sento Sé. Cadastraram-se 136 unidades geomorfológicas com artefatos, estruturas e vestígios históricos e pré-históricos. Na maioria das feições cadastradas havia painéis de pinturas rupestres (Fig. 18; Tab. 1).

Figura 18 – Feições de relevo com artefatos, estruturas e vestígios arqueológicos



Fonte: Kestering (2014)

Tabela 1 – Feições de relevo com vestígios arqueológicos

Nº	Feição de Relevo	Ficha	UTML	UTMN	Povoado
01	Boqueirão do Riacho das Traíras	004	24L 286187	8928779	Traíras
02	Boqueirão do Riacho do Bonsucesso	005	24L 282243	8920335	Bonsucesso
03	Terraço de São João	006	24L 283817	8913517	São João
04	Serrote de São João	007	24L 283431	8912223	São João
05	Boqueirão da Serra da Caixa	008	24L 275417	8911237	São Pedro
06	Boqueirão do Riacho de São Pedro	009	24L 273045	8907015	São Pedro
07	Serrote do Caldeirão da Tiririca	010	24L 271245	8904980	São Pedro
08	Baixa do Pau Ferro	011	24L 272325	8904969	São Pedro
09	Boqueirão da Residência	012	24L 274064	8904634	São Pedro
10	Aluvião das Pedras	013	24L 279500	8961000	São Gonçalo da Serra
11	Boqueirão do Riacho São Gonçalo	014	24L 286449	8939671	São Gonçalo da Serra
12	Boqueirão da Serra do Saco do Morcego	015	24L 284427	8937480	São Gonçalo da Serra
13	Boqueirão da Lajinha	016	24L 287850	8936450	São Gonçalo da Serra
14	Boqueirão do Brejo de Dentro	017	24L 275315	8939779	Brejo de Dentro
15	Grota da Velha Maria	018	24L 276754	8935004	Brejo de Dentro
16	Boqueirão da Gameleira	019	24L 281170	8934622	Brejo de Dentro
17	Boqueirão de São José	020	24L 276761	8932247	Brejo de Dentro
18	Grota de São José	021	24L 276832	8931628	Brejo de Dentro
19	Aluvião do Boqueirão	022	24L 267300	8952600	Mina do Incaibro
20	Boqueirão do Saco de Arara	023	24L 267345	8947435	Mina do Incaibro
21	Grota do Olho D'água Vermelho	024	24L 268823	8948882	Mina do Incaibro
22	Boqueirão dos Caldeirões	025	24L 268912	8948586	Mina do Incaibro
23	Boqueirão da Melgueira	026	24L 266458	8941674	Mina do Incaibro
24	Aluvião da Barrinha de Urucé	027	24L 255500	8936500	Piçarrão
25	Serrote do Morrinho	028	24L 263249	8916310	Piçarrão
26	Serrote do Pote	029	24L 260322	8910221	Piçarrão
27	Serrote da Gameleirinha	030	24L 262608	8909974	Piçarrão
28	Boqueirão do Niso	031	24L 259238	8902757	Piçarrão
29	Grota de Antônio Francisco	032	24L 250188	8914279	Brejo da Martinha
30	Boqueirão das Caraíbas	033	24L 248632	8910887	Brejo da Martinha
31	Boqueirão do Cara Olho	034	24L 248541	8909007	Brejo da Martinha
32	Boqueirão do Brejo da Martinha	035	24L 247669	8907241	Brejo da Martinha
33	Boqueirão do Careta do Brejinho	036	24L 242649	8906282	Brejo da Martinha
34	Boqueirão do Rafael	037	24L 242060	8908661	Brejo da Martinha
35	Aluvião de Américo Alves	038	24L 215000	8926500	Piri
36	Terraço do Calumbi	039	24L 217000	8922000	Piri
37	Aluvião do Barracão	040	24L 229000	8930500	Piri
38	Terraço do Crinquirim	041	24L 233500	8923000	Piri
39	Grota do Olho D'Água do Perna	042	24L 249254	8916608	Piri
40	Grota do Brejinho de Baixo	043	24L 247572	8915631	Piri
41	Grota da Briga de Gervásio	044	24L 246729	8914682	Piri
42	Grota do Portão	045	24L 238155	8912173	Piri
43	Grota da Serra do Cachorro Queimado	046	24L 230789	8907916	Piri
44	Boqueirão do Poço do Tito	047	24L 231429	8907493	Piri
45	Boqueirão dos Caldeirões do Brejinho	048	24L 225919	8905173	Lajes
46	Serrote do Gregório	049	24L 225748	8898784	Lajes
47	Boqueirão do Umbuzeiro	050	24L 234367	8898787	Lajes
48	Boqueirão do Riacho do Mateus	051	24L 232888	8897299	Lajes
49	Boqueirão do Lúcio	052	24L 245174	8891958	Limoeiro da Batateira
50	Boqueirão do Caldeirão do Limoeiro	053	24L 247995	8889509	Limoeiro da Batateira
51	Boqueirão do Poço Verde	054	24L248344	8889691	Limoeiro da Batateira
52	Boqueirão do Riacho do Angelim	055	24L 250414	8890126	Limoeiro da Batateira
53	Boqueirão do Caldeirão da Angélica	056	24L 251785	8890468	Limoeiro da Batateira
54	Boqueirão do Banguê	057	24L 241712	8883454	Limoeiro da Batateira
55	Boqueirão da Boa Esperança	058	24L 243377	8883215	Limoeiro da Batateira

56	Boqueirão da Engenhoca	059	24L 242969	8883412	Limoeiro da Batateira
57	Boqueirão da Cachoeirinha	060	24L 242908	8882318	Limoeiro da Batateira
58	Boqueirão do Oiti	061	24L 241695	8877671	Limoeiro da Batateira
59	Boqueirão das Antas	062	24L 245471	8878007	Limoeiro da Batateira
60	Boqueirão do Cândido	063	24L 247284	8877564	Limoeiro da Batateira
61	Grota do Careta da Cabeluda	064	24L 240518	8898596	Cabeluda
62	Boqueirão dos Sítios Novos	065	24L 236853	8897569	Cabeluda
63	Boqueirão dos Caboclos	066	24L 241990	8896526	Cabeluda
64	Boqueirão do José Antônio	067	24L 244691	8895120	Cabeluda
65	Serrote da Mina da Cabeluda	068	24L 242592	8894268	Cabeluda
66	Boqueirão do Daniel	069	24L 243382	8894097	Cabeluda
67	Serrote da Pedra Lisa	070	24L 242435	8893732	Cabeluda
68	Boqueirão do Mocambo	071	24L 228405	8875896	Cabeluda
69	Boqueirão do Riacho do Meio	072	24L 229448	8875999	Cabeluda
70	Boqueirão da Vereda do Mari	073	24L 232910	8876768	Cabeluda
71	Boqueirão da Água Clara	074	24L 233834	8877715	Cabeluda
72	Boqueirão do Caldeirão dos Negros	075	24L 236121	8874728	Mimoso
73	Boqueirão da Matrinxã	076	24L 241837	8872507	Mimoso
74	Boqueirão da Gangorra	077	24L 235016	8865666	Mimoso
75	Boqueirão do Salgado	078	24L 250034	8866558	Mimoso
76	Boqueirão da Barreira Preta	079	24L 240398	8862876	Mimoso
77	Boqueirão do Brejo	080	24L 254674	8865230	Mimoso
78	Serrote do Brejinho	081	24L 232530	8856102	Alegre
79	Serrote do Brejo do Zeca	082	24L 229959	8856154	Alegre
80	Serrote do João Paixão	083	24L 230870	8855429	Alegre
81	Boqueirão do Livino	084	24L 228693	8853970	Alegre
82	Boqueirão do Riacho da Gruna	085	24L 221131	8820948	Gruna
83	Boqueirão do Grotão	086	24L 222002	8819770	Gruna
84	Boqueirão do Caldeirão da Onça	087	24L 195571	8894444	Lagoa do Mari
85	Boqueirão do Batedor	088	24L 203517	8891431	Lagoa do Mari
86	Boqueirão do Caboclo	089	24L 204485	8892332	Lagoa do Mari
87	Boqueirão do Riacho do Jatobá	090	24L 206046	8892975	Lagoa do Mari
88	Boqueirão dos Prazeres	091	24L 225147	8874245	Lagoa do Mari
89	Boqueirão da Descoberta	092	24L 225240	8872847	Lagoa do Mari
90	Boqueirão da Catuaba	093	24L 221466	8870945	Lagoa do Mari
91	Boqueirão da Mulata	094	24L 222453	8869514	Lagoa do Mari
92	Boqueirão da Candeia	095	24L 223214	8868784	Lagoa do Mari
93	Serrote da Toca Preta	096	24L 224130	8869421	Lagoa do Mari
94	Boqueirão do Cícero Macambira	097	24L 225505	8870849	Lagoa do Mari
95	Boqueirão do Quirino	098	24L 227202	8872675	Lagoa do Mari
96	Serrote dos Caboclos	099	24L 228992	8871604	Lagoa do Mari
97	Serrote do Pau D'arco	100	24L 227734	8870598	Lagoa do Mari
98	Boqueirão do Riacho da Bananeira	101	24L 217585	8867834	Lagoa do Mari
99	Serrote das Tocas de Caçador	102	24L 219416	8865949	Lagoa do Mari
100	Boqueirão do Moxotó	103	24L 220228	8866058	Lagoa do Mari
101	Boqueirão do Riacho da Santana	104	24L 213648	8862946	Brejo da Brásida
102	Boqueirão do Soem	105	24L 214377	8862683	Brejo da Brásida
103	Boqueirão da Toca	106	24L 215783	8861995	Brejo da Brásida
104	Serrote do Pergentino	107	24L 215366	8859687	Brejo da Brásida
105	Boqueirão da Canoa	108	24L 214651	8858866	Brejo da Brásida
106	Boqueirão da Imbaúba	109	24L 213742	8857745	Brejo da Brásida
107	Boqueirão do Antônio Joaquim	110	24L 214355	8857530	Brejo da Brásida
108	Boqueirão do João de França	111	24L 208247	8855647	Brejo da Brásida
109	Boqueirão do Riacho das Minas	112	24L 212813	8856355	Brejo da Brásida
110	Serrote dos Dois Irmãos	113	24L 220899	8856387	Brejo da Brásida
111	Boqueirão dos Animais	114	24L 208533	8852176	Brejo da Brásida
112	Boqueirão da Baixa da Caiçara	115	24L 215025	8846181	Brejo da Brásida
113	Boqueirão da Floresta	116	24L 217763	8845981	Brejo da Brásida

114	Boqueirão do Riacho da Gameleira	117	24L 209240	8830154	Sanharó
115	Boqueirão do Riacho do Sapateiro	118	24L 206543	8828775	Sanharó
116	Boqueirão do Poço do Negro	119	24L 205553	8828089	Sanharó
117	Boqueirão da Águia Chilena	120	24L 207488	8824682	Sanharó
118	Lagoa Encantada	121	24L 206871	8822884	Sanharó
119	Boqueirão do Riacho da Baixinha	122	24L 209186	8821741	Sanharó
120	Boqueirão da Pedra Escrita	123	24L 209292	8820751	Sanharó
121	Boqueirão do Choro	124	24L 211181	8820220	Sanharó
122	Boqueirão do Tonhão	125	23L 820620	8889819	Ponta D'Água
123	Boqueirão do Olho D'água do Tonheira	126	23L 823128	8891567	Ponta D'Água
124	Boqueirão do Jatobazinho	127	24L 171714	8893379	Ponta D'Água
125	Boqueirão da Marreca	128	24L 173848	8887461	Ponta D'Água
126	Boqueirão da Serra do Tabuleiro Alto	129	23L 807799	8888053	Cajuí
127	Boqueirão do Sítio do Padre	130	24L 180933	8908704	Itapera
128	Boqueirão da Itamorena	131	24L 178283	8906168	Itapera
129	Grota do Brejo dos Paes	132	24L 198150	8901633	Riacho dos Paes
130	Grota do Olho de Pomba	133	24L 195613	8899117	Riacho dos Paes
131	Boqueirão da Casa de Pedra	134	24L 199283	8899343	Riacho dos Paes
132	Boqueirão do Riacho da Palmeira	135	24L 207925	8904282	Riacho dos Paes
133	Boqueirão da Toca de Nosso Senhor	136	24L 173340	8892618	Cumbe
134	Boqueirão do Boiadeiro	137	24L 175347	8893010	Cumbe
135	Boqueirão da Entrada do Cajuí	138	24L 177172	8893207	Cumbe
136	Boqueirão do Pinga do Jatobá	139	24L 179777	8889621	Cumbe

5.1 Serrote do Caldeirão do Manezinho

O Serrote do Caldeirão do Manezinho não havia sido identificado nas primeiras prospecções realizadas por professores e estudantes do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da UNIVASF. A área onde estão localizados os sítios arqueológicos Manezinho 1, Manezinho 2, Manezinho 3 e Manezinho 4 possui três níveis topográficos: o topo, a encosta e a planície. No topo há diversos setores com peças líticas, identificados como locais das atividades de pintura e enquanto as aberturas das encostas foram aproveitadas para a confecção de pilõesem rocha. O serrote é aparentemente a área de ocupação, provável local onde se instalavam acampamentos sazonais ou permanentes. Os sítios arqueológicos são a céu aberto e abrigos sob rocha. A região analisada encontra-se junto ao Parque Eólico do Morro da Ventania (Fig. 19 a21). Situa-se próximo ao povoado de São Pedro, aproximadamente 20 km do povoado de Piçarrão e 116 km da cidade de Sento Sé - BA. Segundo o guia, Juvêncio Rocha da Silva, há relatos de que esta feição derelevo foi caminho de passagem e moradia esporádica dos grupos Cangaceiros, entre eles o bando de Lampião, em meados do século XX.

Figura 19 – Serrote do Caldeirão do Manezinho



Foto: Celito Kestering (2015)

Figura 20 - Distribuição dos sítios



Fonte: Google Earth (2016), modificado pelos autores

2.1.1 Fixas cadastrais dos sítios no Serrote do Caldeirão do Manezinho

Sítio: Manezinho 1 **Código**: 168.1
Local: Serrote do Caldeirão do Manezinho
Região: São Pedro, Sento Sé - BA

1 Coordenadas:
1.1 UTM 24L: 271109 **1.2 UTMN:** 8904882 **1.3 Altitude: 725** m

2 O Suporte:
2.1 Localização: Serra da Gameleira **2.2 Grupo geológico:** Chapada Diamantina
2.3 Unidade: Formação Tombador **2.4 Estrutura:** Rocha metassedimentar
2.5 Composição: Conglomerado desorganizado **2.6 Feição:** Matacão

3 O Sítio:
3.1 Altura relativa: Alta vertente **3.2 Orientação:** Leste - oeste
3.3 Abertura: Sul **3.4 Tipo:** Abrigo sob rocha
3.5 Comprimento: 22 m **3.6 Altura:** 9,3 m
3.7 Largura: 5,5 m **3.8 Sedimento:** Arenoso

Figura 21 - Sítio Manezinho 1



Foto: Celito Kestering (2015)

Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres.

Nº	Conhecível	Reconhecível	Total
1	-	01	01
2	-	01	01
3	-	01	01
4	-	01	01

5	-	01	01
6	-	01	01
7	-	02	02
8	-	02	02
9	-	01	01
10	-	01	01
11	-	01	01
12	-	01	01
13	-	01	01
14	-	04	04
15	01	-	01
16	-	01	01
17	-	01	01
18	-	01	01
19	-	03	03
20	-	01	01
21	-	01	01
22	-	01	01
23	-	01	01
24	-	01	01
25	-	01	01
26	-	01	01
27	01	-	01
Total	**02**	**32**	**34**

Figura 22 - Painel 1



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 23 - Painel 2



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 24 - Painel 3



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 25 - Painel 4



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 26 – Painel 5



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 27 – Painel 6



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 28 – Painel 7



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 29 – Painel 8



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 30 – Painel 9



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 31 – Painel 10



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 32 – Painel 11



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 33 – Painel 12



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 34 – Painel 13



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 35 – Painel 14



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 36 – Painel 15



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 37 – Painel 16



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 38 – Painel 17



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 39 – Painel 18



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 40 – Painel 19



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 41 – Painel 20



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 42 – Painel 21



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 43 – Painel 22



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 44 – Painel 23



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 45 – Painel 24



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 46 – Painel 25



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 47 – Painel 26



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 48 – Painel 27



Foto: Celito Kestering (2016)

Sítio: Manezinho 2 Código: 168.2
Local: Serrote do Caldeirão do Manezinho
Região: São Pedro, Sento Sé - BA

1 Coordenadas:
1.1 UTM 24L: 271085 **1.2 UTMN:** 8904884 **1.3 Altitude: 715** m

2 O Suporte:
2.1 Localização: Serra da Gameleira
2.2 Grupo geológico: Chapada Diamantina
2.3 Unidade: Formação Tombador
2.4 Estrutura: Metassedimentar
2.5 Composição: Conglomerado desorganizado
2.6 Feição: Matacão

3 O Sítio:
3.1 Altura relativa: Alta vertente
3.2 Orientação: Noroeste - sudeste
3.3 Abertura: Nordeste
3.4 Tipo: Abrigo sob rocha
3.5 Comprimento: 10 m
3.6 Altura: 7,2 m
3.7 Largura: 5,7 m
3.8 Sedimento: Arenoso

Figura 49 – Manezinho 2



Foto: Celito Kestering (2016)

4 Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres e artefato lítico (triturador)

Nº	Conhecível	Reconhecível	Total
1	-	01	01
2	-	02	02
3	01	-	01
4	-	01	01
5	-	01	01
6	-	01	01
7	-	01	01
8	-	01	01
9	-	01	01
10	-	01	01
11	01	-	01
12	-	01	01
13	-	01	01
14	-	01	01
15	-	01	01
Total	**02**	**14**	**16**

Pesquisador: Vanessa Cosma da Silva Melo Iguatemy **Guia:** Juvêncio Rocha da Silva

Figura 50 – Painel 1



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 51 – Painel 2



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 52 – Painel 3



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 53 – Painel 4



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 54 – Painel 5



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 55 – Painel 6



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 56 – Painel 7



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 57 – Painel 8



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 58 – Painel 9



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 59 – Painel 10



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 60 – Painel 11



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 61 – Painel 12



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 62 – Painel 13



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 63 – Painel 14



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 64 – Painel 15



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 65 – Artefato lítico (triturador)



Foto: Celito Kestering (2016)

Sítio: Manezinho 3 Código: 186.3
Local: Serrote do Caldeirão do Manezinho
Região: São Pedro, Sento Sé - BA

1 Coordenadas:
1.1 UTM 24L: 271002 **1.2 UTMN:** 8904978 **1.3 Altitude: 733** m

2 O Suporte:
2.1 Localização: Serra da Gameleira **2.2 Grupo geológico:** Chapada Diamantina
2.3 Unidade: Formação Tombador **2.4 Estrutura:** Metassedimentar
2.5 Composição: Conglomerado **2.6 Feição:** Matacão

3 O Sítio:
3.1 Altura relativa: Média vertente **3.2 Orientação:** Leste - oeste
3.3 Abertura: Norte **3.4 Tipo:** Abrigo sob rocha
3.5 Comprimento: 23 m **3.6 Altura:** 11,1 m
3.7 Largura: 10 m **3.8 Sedimento:** Tálus

Figura 66 – Manezinho 3



4 Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres

Nº	Conhecível	Reconhecível	Total
1	01	-	01
2	01	-	01
3	01	-	01
4	02	-	02
5	01	-	01
6	01	-	01
7	02	-	02
8	01	-	01
9	01	-	01
10	01	-	01
11	01	-	01
12	03	-	03
13	02	-	02
14	01	-	01
Total	**13**	**09**	**22**

Pesquisadora: Vanessa Cosma da Silva Melo Iguatemy **Guia:** Juvêncio Rocha da Silva

Figura 67 – Painel 1



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 68 - Painel 02



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 69 – Painel 3



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 70 – Painel 4



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 71 – Painel 5



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 72 – Painel 6



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 73 – Painel 7



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 74 – Painel 8



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 75 – Painel 9



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 76 – Painel 10



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 77 – Painel 11



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 78 – Painel 12



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 79 – Painel 13



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 80 – Painel 14



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 81 – Painel 15



Foto: Celito Kestering (2016)

Sítio: Manezinho 4 Código: 168.4
Local: Serrote do Caldeirão do Manezinho
Região: São Pedro, Sento Sé - BA

1 Coordenadas:
1.1 UTM 24L: 271171 **1.2 UTMN:** 8904932 **1.3 Altitude: 703** m

2 O Suporte:
2.1 Localização: Serra da Gameleira **2.2 Grupo geológico:** Chapada Diamantina
2.3 Unidade: Formação Tombador **2.4 Estrutura:** Metassedimentar
2.5 Composição: Conglomerado **2.6 Feição:** Lajedo

3 O Sítio:
3.1 Altura relativa: Alta vertente **3.2 Orientação:** Noroeste - sudeste
3.3 Abertura: Zênite **3.4 Tipo:** Céu aberto
3.5 Comprimento: 35 m **3.6 Altura:** 5 m
3.7 Largura: 19 m **3.8 Sedimento:** Arenoso

4 Vestígios arqueológicos: Almofarizes e caldeirões

Figura 82 – Manezinho 4



Foto: Celito Kestering (2016)

Pesquisadora: Vanessa Cosma da Silva Melo Iguatemy e Guia: Juvêncio Rocha da Silva

Figura 83 – Almofariz em rocha

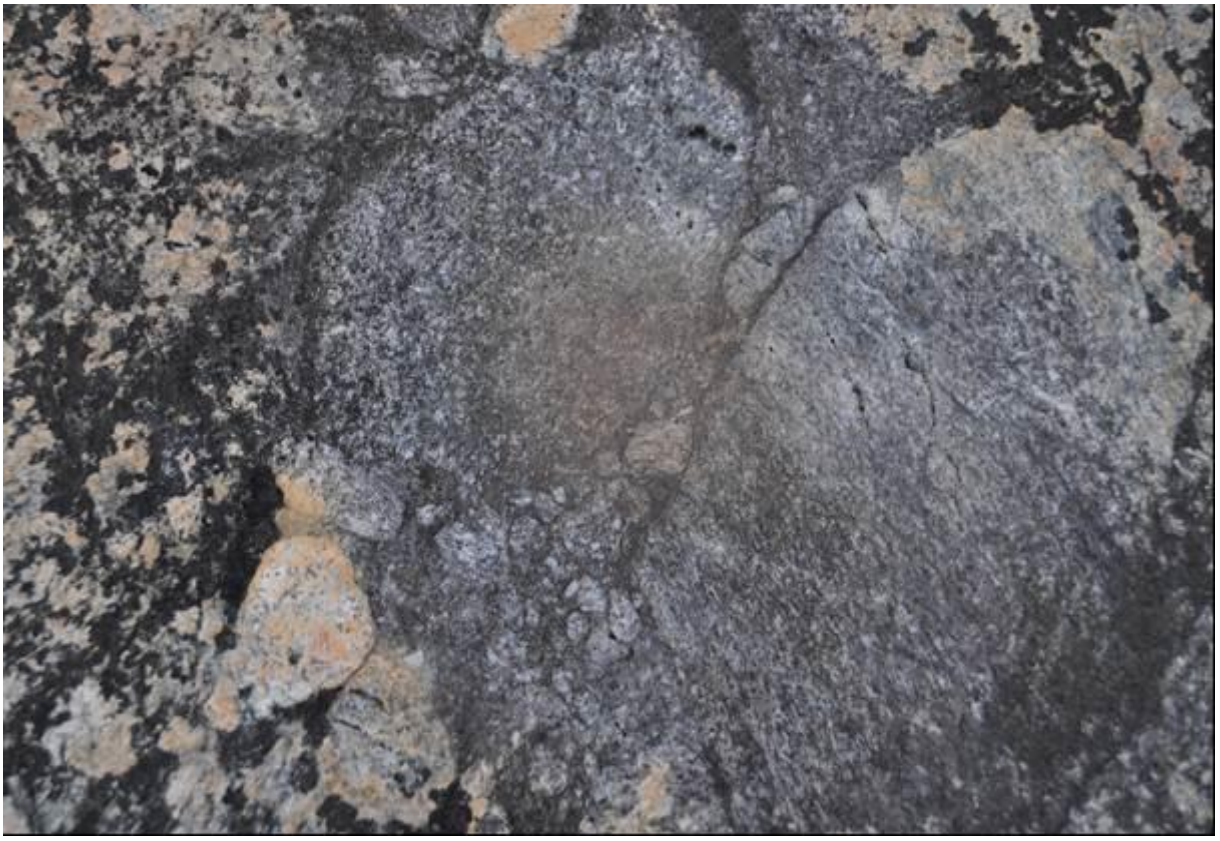


Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 84 – Almofariz em rocha



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 85 – Caldeirão



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 86 – Caldeirão



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 87 – Caldeirão



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 88 – Caldeirão



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 89 – Caldeirão



Foto: Celito Kestering (2016)

2.2 Área arqueológica Serra da Capivara - PI

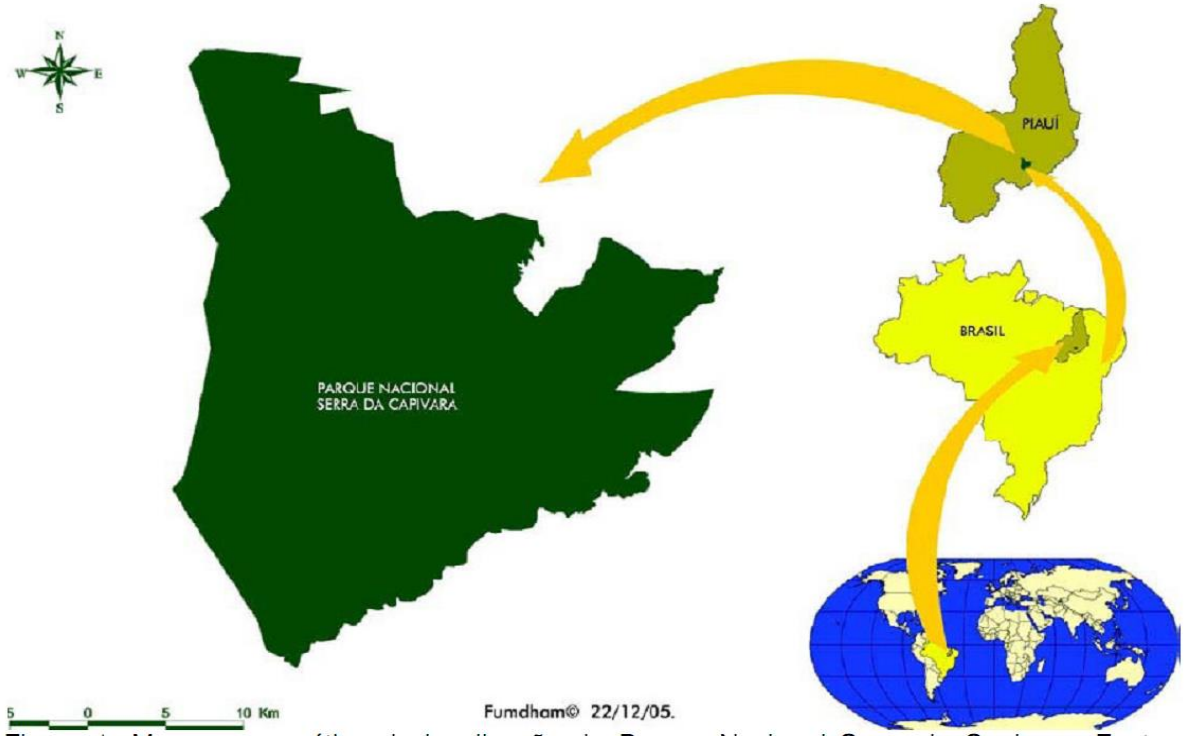
O Parque Nacional Serra da Capivara, localiza-se no sudeste do Piauí entre as coordenadas 8º 26' 50" e 8º 54' 23" de latitude sul e 42º 19'47" e 42º 45' 51" de longitude oeste. Ocupa uma área de 129.953 hectares do território dos municípios de São Raimundo Nonato, Coronel José Dias, João Costa e Brejo do Piauí (CASTRO 2010).

Segundo Castro, a área do Parque Nacional Serra da Capivara está dividida nos seguintes topônimos: Serra Vermelha, Serra Talhada, Serra da Capivara, Serra Branca e Serra do Gongo. O Parque Nacional Serra da Capivara está localizado entre dois domínios geológicos: a Província Estrutural da Borborema, representada pela Faixa de Dobramentos Riacho do Pontal e o domínio sedimentar representado pela Bacia do Parnaíba. Trata-se de uma área de 130.000 ha, com relevos típicos de chapadas e serras.

Na região do Parque Nacional Serra da Capivara, existem 1.223 sítios com arte rupestre cadastrados, sendo 922 sítios compostos por pinturas, 218 com pinturas e gravuras e 83 somente com

gravuras. Dentro dos limites do Parque, são 680 sítios, dos quais 600 são de pinturas e/ou gravuras rupestres. Estes números não são definitivos, pois continuamente são descobertos novos sítios no Parque Nacional e seu entorno (Fig. 90). As pesquisas sistemáticas na área arqueológica de São Raimundo Nonato iniciaram na década de 1970, direcionadas ao estudo dos registros rupestres. A partir de 1978 a equipe da Missão Franco-Brasileira, trabalha na região estabelecendo um quadro de referência para inserir a reconstituição da evolução do meio ambiente e das sociedades humanas que se sucederam nesta parte do Nordeste desde há 50.000 anos (GUIDON, 1988).

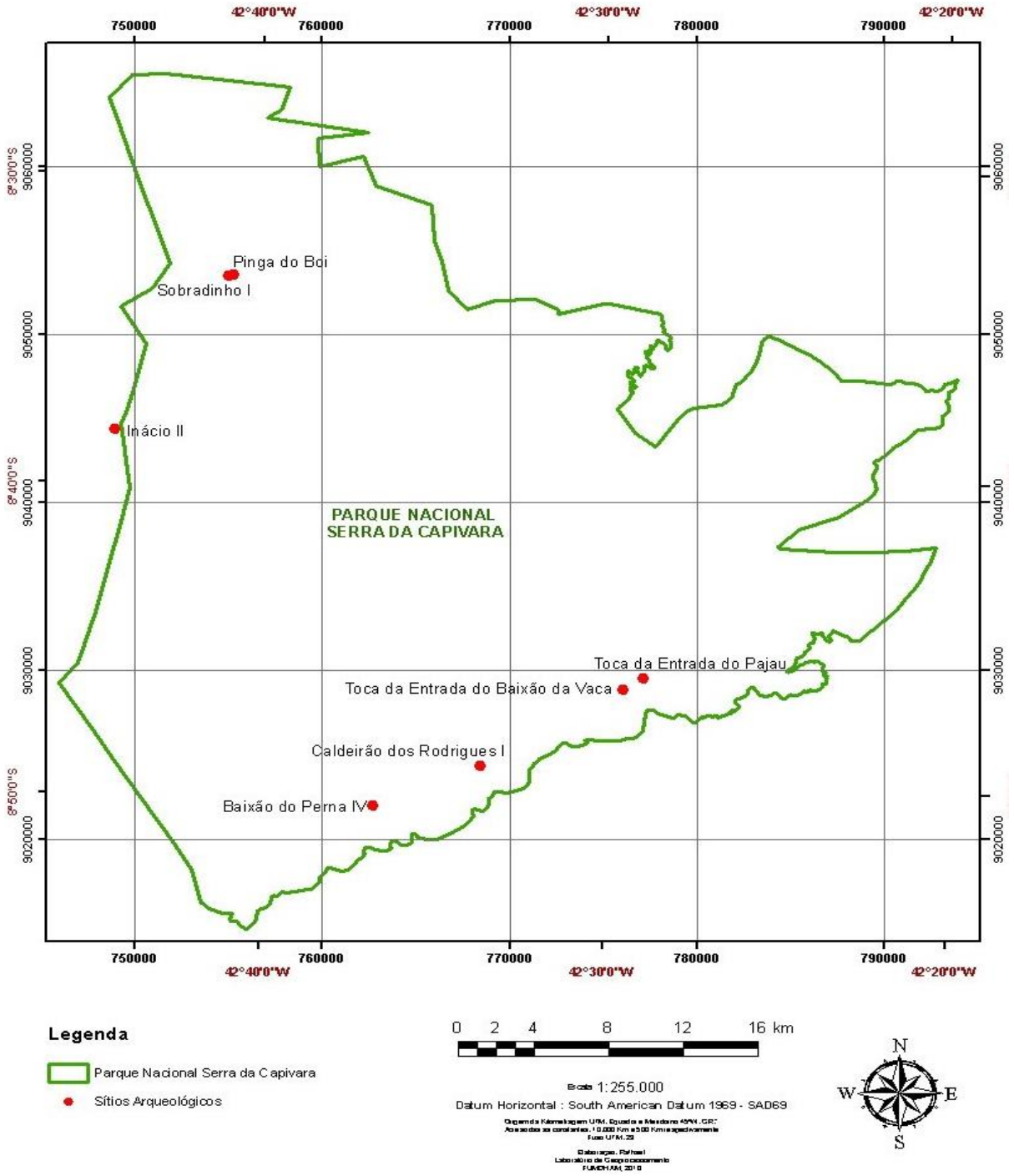
Figura 90 – Área do Parque Nacional Serra da Capivara



Fonte: FUMDHAM (2016)

Os sítios desta área arqueológica selecionados para as comparações iconográficas foram: Toca da Entrada do Baixão da Vaca (02), Toca da Entrada do Pajaú (06), Toca do Pinga do Boi (54), Toca do Inácio II (873), Toca do Sobradinho I (56), Toca do Caldeirão do Rodrigues I (72) e Toca do Perna IV (139)(Fig. 91).

Figura 91 – Mapa de localização dos sítios analisados - Parque Nacional serra da Capivara.

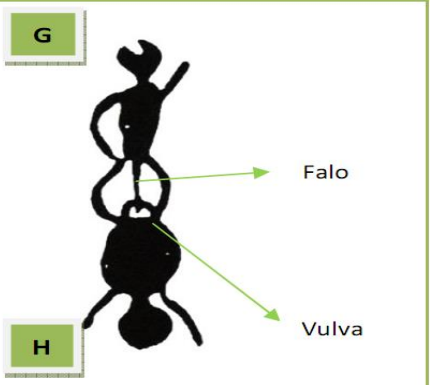


Fonte: Laboratório de Geoprocessamento da FUMDHAM (2010)

3 ANÁLISES DOS REGISTROS RUPESTRES

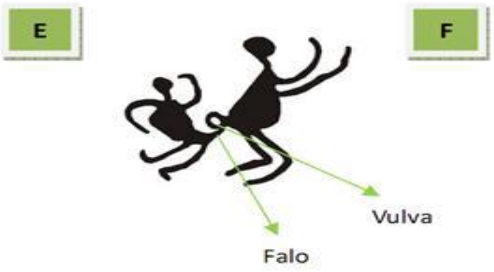
Apresentam-se pinturas rupestres diferenciadas entre metonímias e metáforas, com ênfase para as representações de vulvas (Fig. 92 a 99).

Figura 92 – Representação metonímica da vulva

Cena sexual 4 - Sítio Toca da Entrada do Pajaú	Pintura vetorizada no aplicativo Corel Draw X3
	

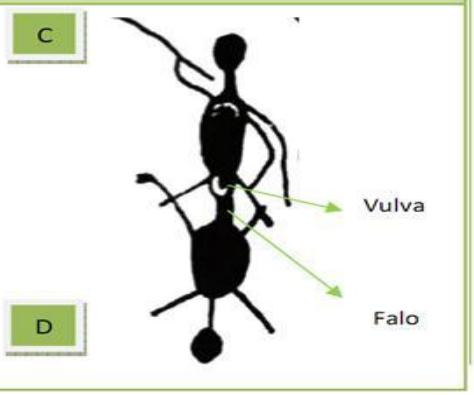
Fonte: Castro (2010)

Figura 26 – Representação metonímica da vulva

Cena sexual 3 - Sítio Toca da Entrada do Baixão da Vaca	Pintura vetorizada no aplicativo Corel Draw X3
	

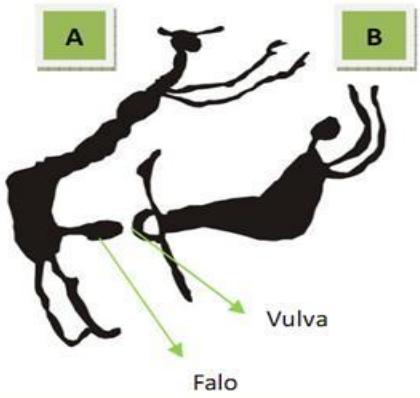
Fonte: Castro (2010)

Figura 45 – Representação metonímica da vulva

Cena sexual 2 - Sítio Toca da Entrada do Baixão da Vaca	Pintura vetorizada no aplicativo Corel Draw X3
	

Fonte: Castro (2010)

Figura 46 – Representação metonímica da vulva

Cena sexual 1 - Sítio Toca da Entrada do Baixão da Vaca	Pintura vetorizada no aplicativo Corel Draw X3
	

Fonte: Castro (2010)

Figura 46 – Representação metafórica da vulva, no Serrote do Caldeirão do Manezinho, em Sento Sé - BA



Foto: Celito Kestering (2015)

Figura 27 – Representação metafórica de vulvas, no Serrote do Caldeirão do Manezinho,em Sento Sé - BA



Foto: Celito Kesering (2015)

Figura 47 – Representação metafórica da vulva na Lagoa da Ponta Baixa, Jaguarari - BA



Foto: Celito Kestering (2016)

Figura 28 - Representação metafórica da vulva em Alagoas



Fonte: Acervo pessoal de Celito Kestering (2016)

Os registros rupestres apresentam uma mesma temática, no caso as vulvas, em diferentes representações. As primeiras, de forma metonímica e a seguintes, de forma metafórica. Os grupos autores compartilham Sociedades "frias" (primitivas) .

- Metonímicas: Encontram-se "fora da história". Orientam-se pelo modo mítico de pensar, sendo que o mito é definido como "máquina de supressão do tempo". SHILLING, 2003).

- Metafóricas

Movem-se dentro da história. Estão em constante transformação tecnológica (SHILLING, 2003).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como fruto das requisições ambientais e dos cruzamentos físicos e culturais (simbólicos e estruturais), as identidades dos grupos contêm um conjunto de atributos que as diferenciam dos outros e, outro conjunto que as mantêm ligadas a um ancestral biológico e cultural comum. Com base nos resultados preliminares da pesquisa, propõe-se, em nível hipotético, que os grupos pré-coloniais do sudeste do Piauí mantiveram contatos intersociais com grupos do norte da Bahia, com trocas culturais evidenciadas nos registros rupestres. Essas trocas promoveram a persistência dos dois grupos, em equilíbrio dinâmico, no interior de uma comunidade maior (BATESON apud KESTERING, 2007, p.). É muito provável que, há seis mil anos, os grupos da Tradição Nordeste, pela adoção de atributos da identidade eminentemente metafórica dos grupos da Tradição São Franciso evoluíram, imiscuindo-se no seio de uma comunidade maior.

REFERÊNCIAS

CASTRO, L. **Representações Sexuais na Pré-História, Parque Nacional Serra da Capivara:** Padrões Cenográficos. Monografia, 76 f. UNIVASF, São Raimundo Nonato – PI, 2010.

GUIDON, N. **Tradições Rupestres da Área Arqueológica de São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil.** UFPE, Recife, 1988.

KESTERING. C. **Identidade dos grupos pré-históricos de Sobradinho – BA.** Tese, UFPE, Recife, 2007.

_____. **Patrimônio Arqueológico de Sento Sé - BA.** UNIVASF, São Raimundo Nonato, 2014.

LAGE. A. **Estudo dos grafismos rupestres da Pedra do Letreiro e Toca do Adão, Antônio Almeida, Piauí, Brasil**. Dissertação, UFPI, Teresina, 2011.

LIMA. G. **Mapeamento geomorfológico como subsídio ao estudo da desertificação no norte da Bahia.** Revista Geonorte, V.2, N.4, p.588 – 598, 2012.

MARTIN. G. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. 5ª ed. UFPE, Recife, 2013.

RIBEIRO. M. **Temática dominante nas pinturas rupestres do Serrote do Morrinho, No Município de Sento Sé – BA**. Evolvere Scientia, V. 3, N. 1, 2014.

SILVA, Vanessa Cosma da. **Registros Rupestres do Submédio São Francisco: da metonímia à metáfora**. 2016. Monografia. Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da UNIVASF. São RaimundoNonato – PI. 2016.

APÊNDICE

SLIDES DA APRESENTAÇÃO



INTRODUÇÃO

Assim como nos demais artefatos da cultura material, o estudo da arte rupestre deve sustentar-se em um sistema de conceitos que permitam compreendê-la e classificá-la. Por ser entendida como o conjunto de fragmentos preservados de um sistema de comunicação, propõe-se analisá-la com referências teóricas da Arqueologia Cognitiva da qual derivam o parâmetros da cognoscibilidade e temática.



HIPÓTESES

Os grupos pré-coloniais que ocuparam o Submédio São Francisco não foram massivamente assassinados como sugere a historiografia oficial. É bastante provável que eles se apropriaram do sistema de comunicação dos colonizadores europeus (AQUINO; KESTERING, 2016).

Da mesma forma, é provável que os grupos metonímicos (coletores caçadores) do Parque Nacional Serra da Capivara, há seis mil anos, apropriaram-se do sistema de comunicação dos grupos pré-históricos do Vale do São Francisco, mais metafóricos que os primeiros.



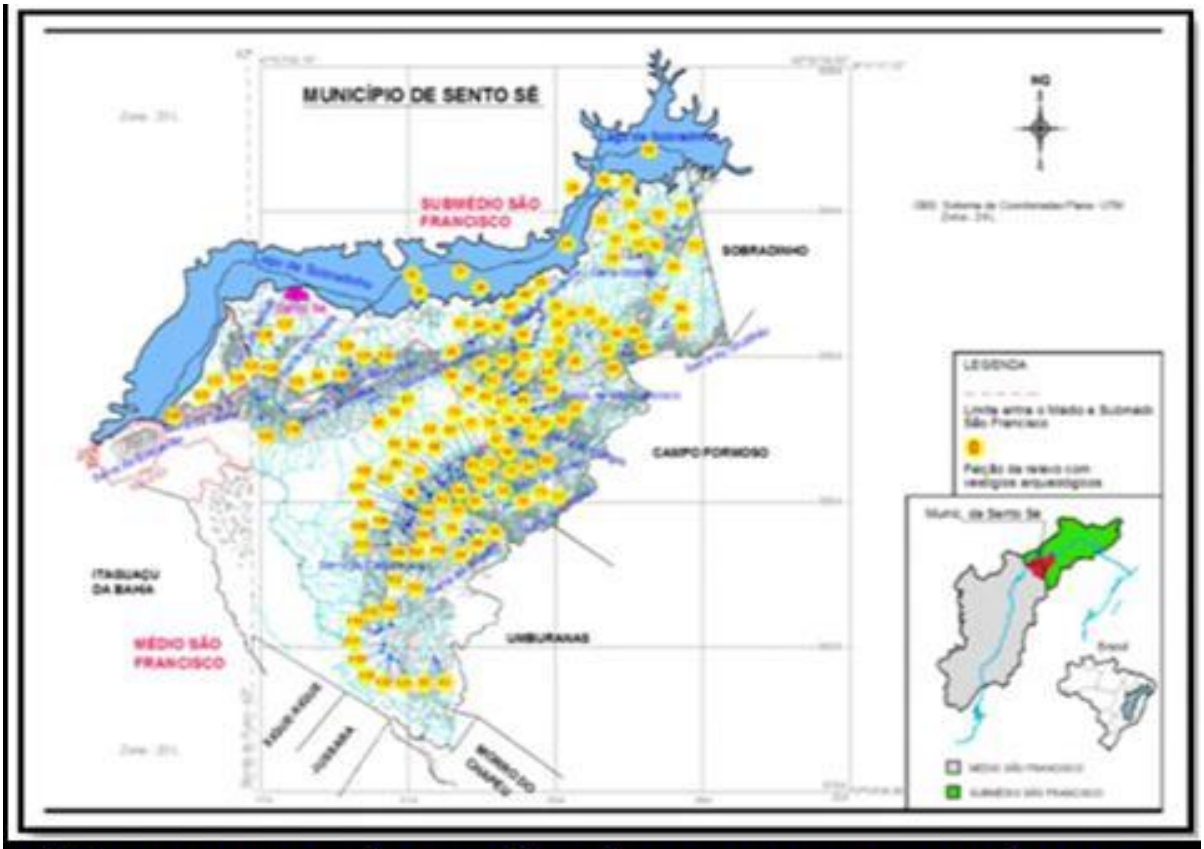




PRESSUPOSTO TEÓRICO

De acordo com Bateson (1977 apud Kestering 2007, p. 31), as apropriações que ocorrem nos contatos sociais "promovem fusão completa dos grupos originalmente diferentes, eliminação de um dos grupos ou até mesmo dos dois, ou ainda, **persistência dos dois grupos em equilíbrio dinâmico, no interior de uma comunidade maior**".

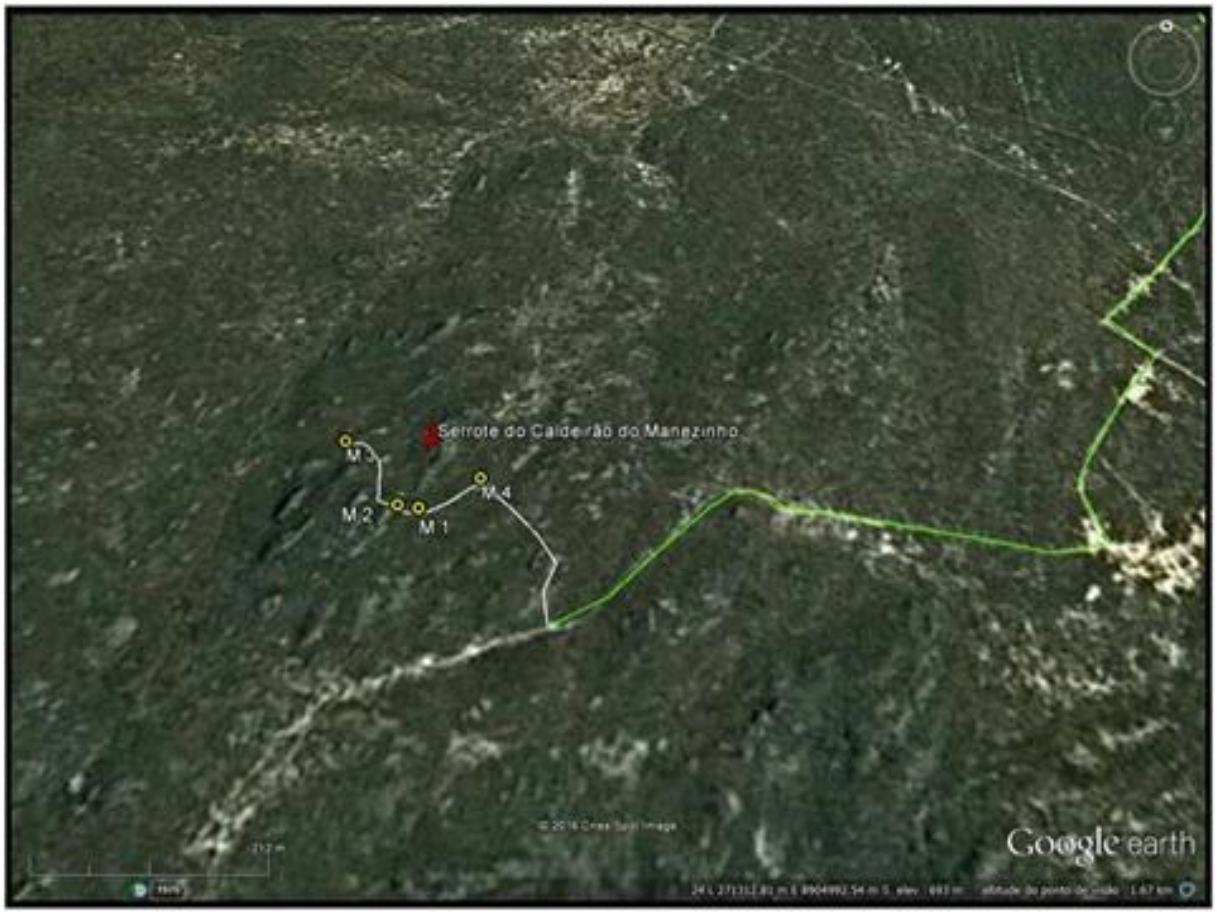




Feições de relevo com material arqueológico e pinturas rupestres. *Fonte: Kestering (2014).*


Antiga Santa Sé
Picarrão
Lago de Sobradinho
Santa Sé
116 Km
Serrote do Caldeirão do Manezinho
Google earth

271


Serrote do Caldeirão do Manezinho
M 3
M 2
M 1
M 4
Google earth




Serrote do Caldeirão do Manezinho

PINTURAS RUPESTRES



Antropomorfo do Complexo Estilístico Serra Talhada



Antropomorfo do Complexo Estilístico Serra Talhada



Antropomorfo do Complexo Estilístico Serra Talhada



Antropomorfo do Complexo Estilístico Serra Talhada



Antropomorfo do Complexo Estilístico Serra Talhada



Antropomorfo do Complexo Estilístico Serra Talhada



Antropomorfo do Complexo Estilístico Serra Talhada



Metaforização da temática relacionada a sexo



Metaforização da temática relacionada a sexo

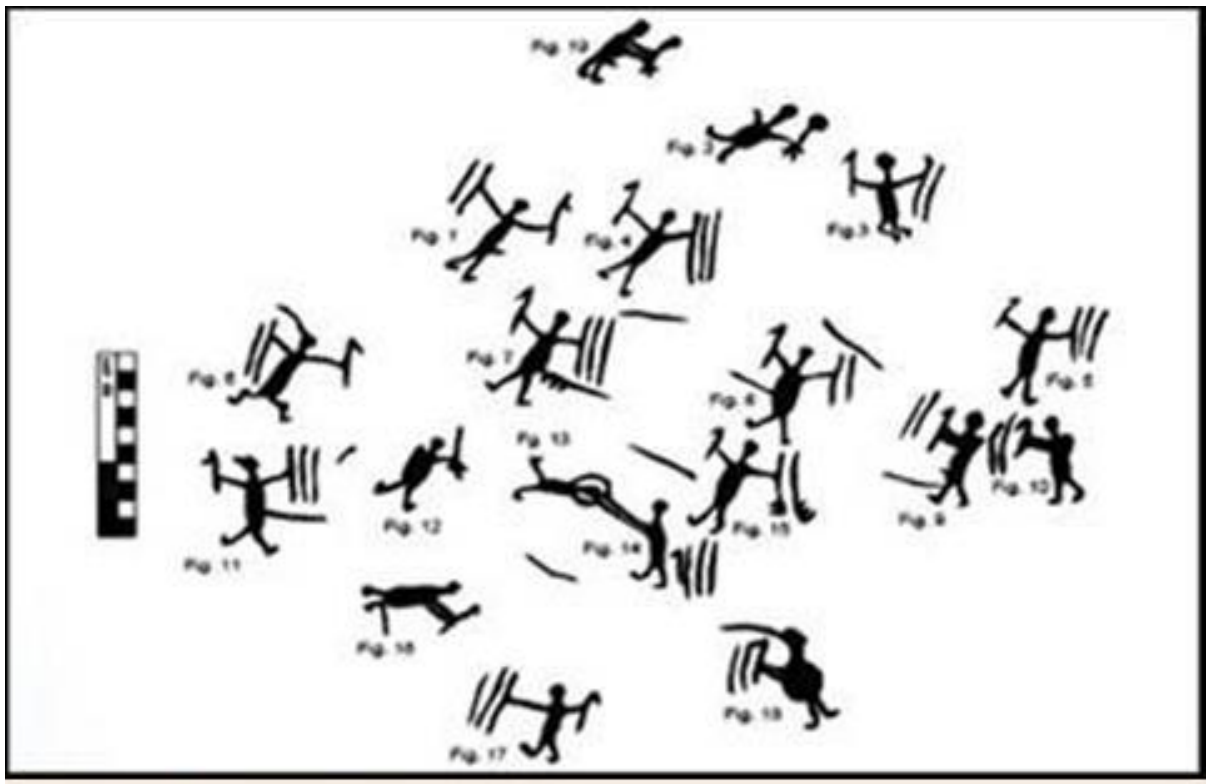




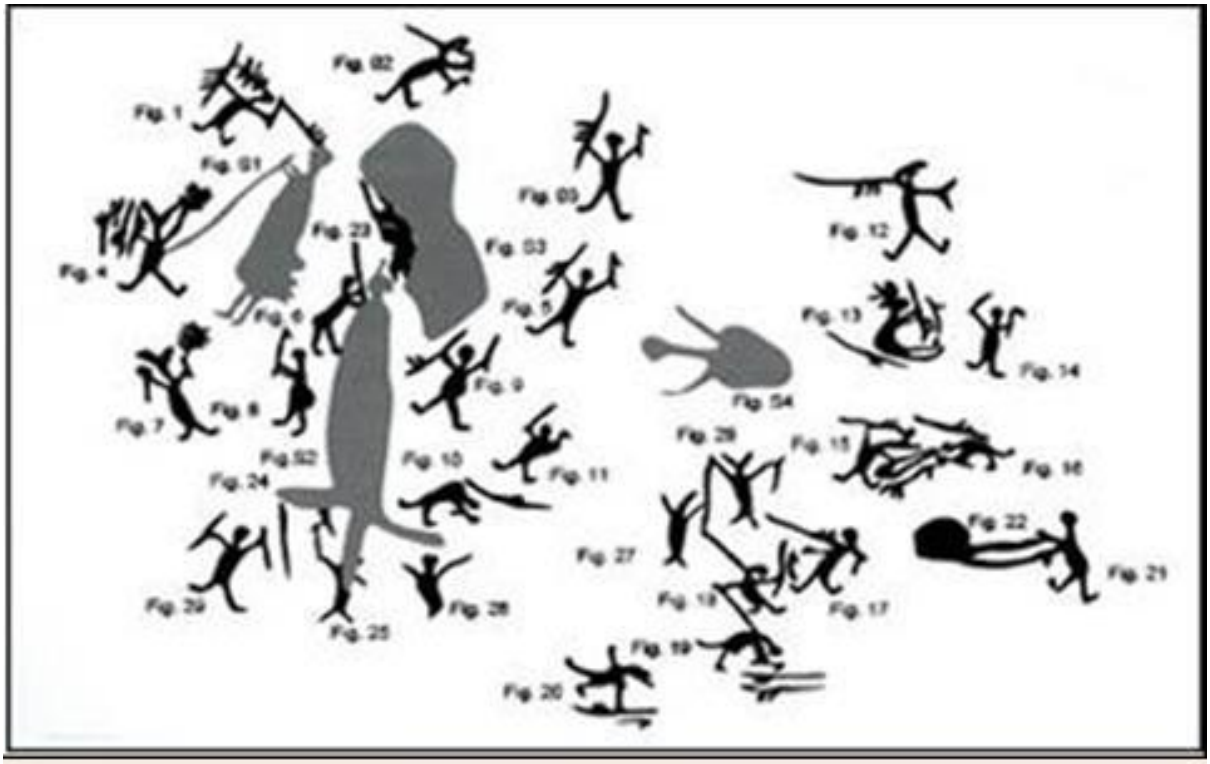
Caldeirões e almofarizes ou pilões em rocha

Tradição Nordeste

- No Parque Nacional Serra da Capivara, grupos pré-históricos da Tradição Nordeste realizavam pinturas rupestres dominantemente metonímicas. As temáticas normalmente são conhecíveis porque representam realidades conhecidas pelos autores e pesquisadores

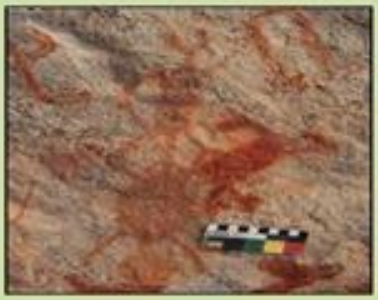
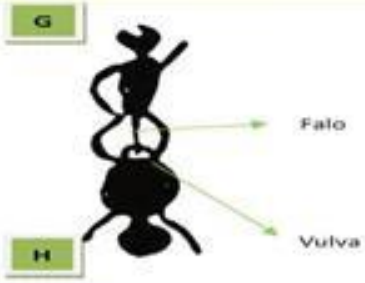


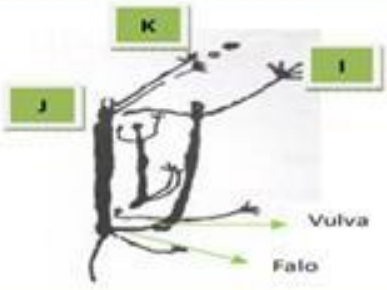
Painel rupestre metonímico
Toca da Extrema II
Parque Nacional Serra da Capivara



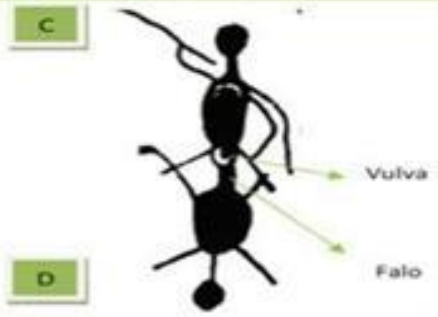
Painel rupestre metonímico
Toca do João Arsena
Parque Nacional Serra da Capivara

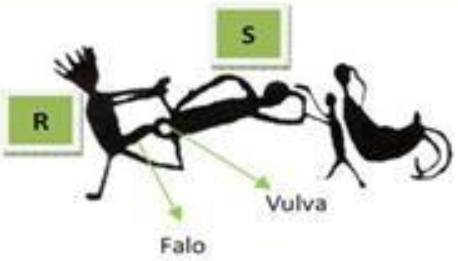
Temática de sexo no Parque Nacional Serra da Capivara

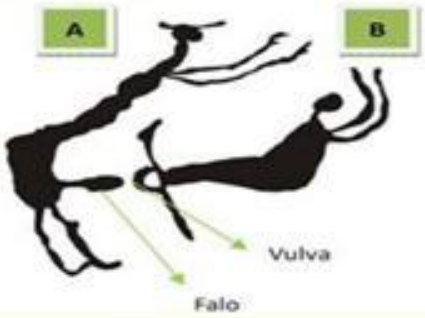
Cena sexual 4 - Sítio Toca da Entrada do Pajaú	Pintura vetorizada no aplicativo Corel Draw X3
	

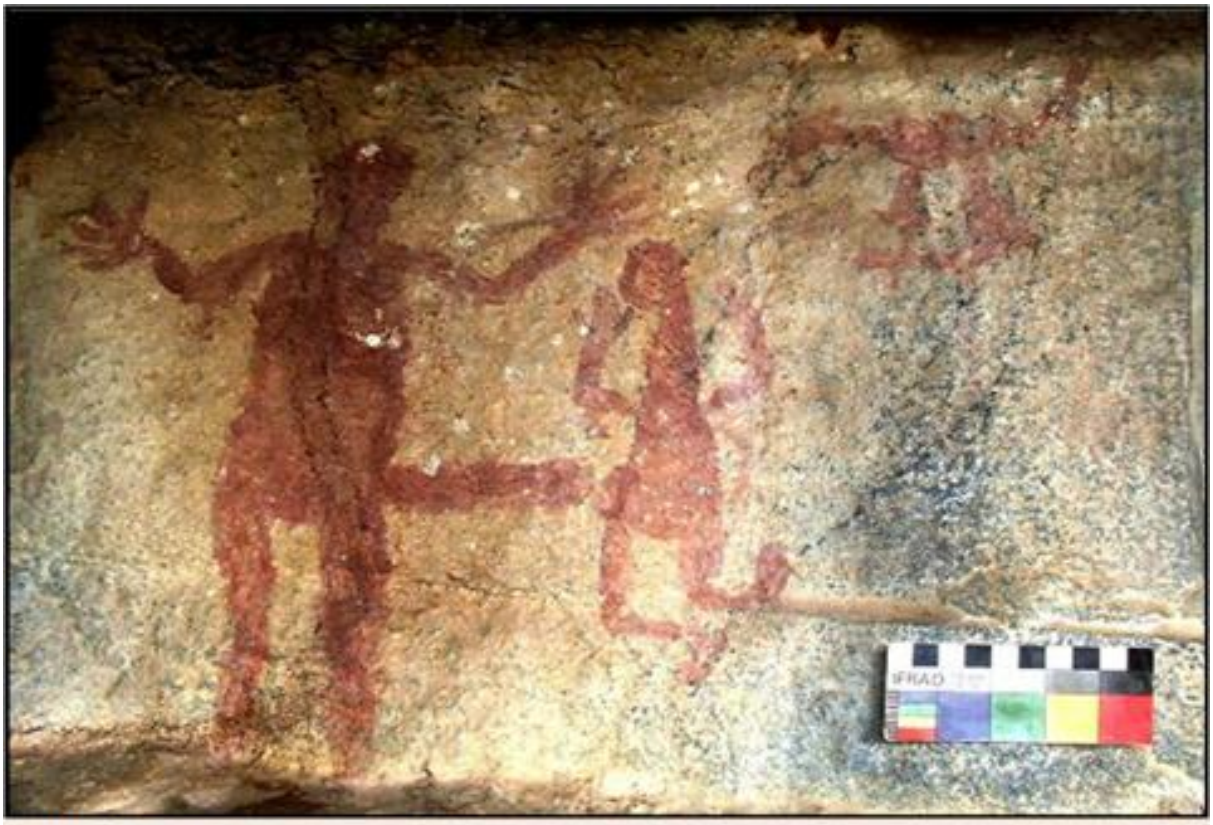
Cena sexual 5 - Toca do Pinga do Boi	Pintura vetorizada no aplicativo Corel Draw X3
	

Cena sexual 3 - Sítio Toca da Entrada do Baixão da Vaca	Pintura vetorizada no aplicativo Corel Draw X3
	

Cena sexual 2 - Sítio Toca da Entrada do Baixão da Vaca	Pintura vetorizada no aplicativo Corel Draw X3
	

Cena sexual 8 - Toca do Caldeirão dos Rodrigues I	Pintura vetorizada no aplicativo Corel Draw X3
	

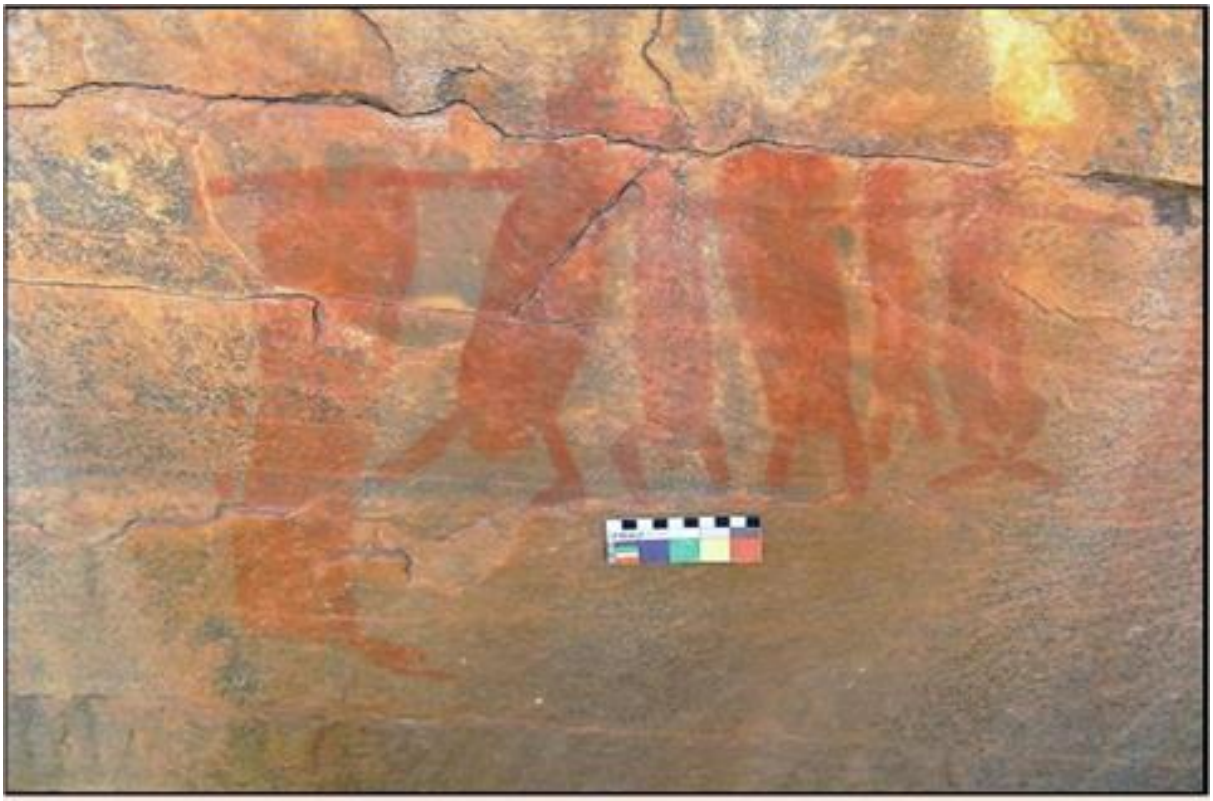
Cena sexual 1 - Sítio Toca da Entrada do Baixão da Vaca	Pintura vetorizada no aplicativo Corel Draw X3
	



Painel rupestre metonímico
Boqueirão do Cara Olho – Sento Sé - BA



Painel rupestre metonímico
Boqueirão do Umbuzeiro – Sento Sé - BA



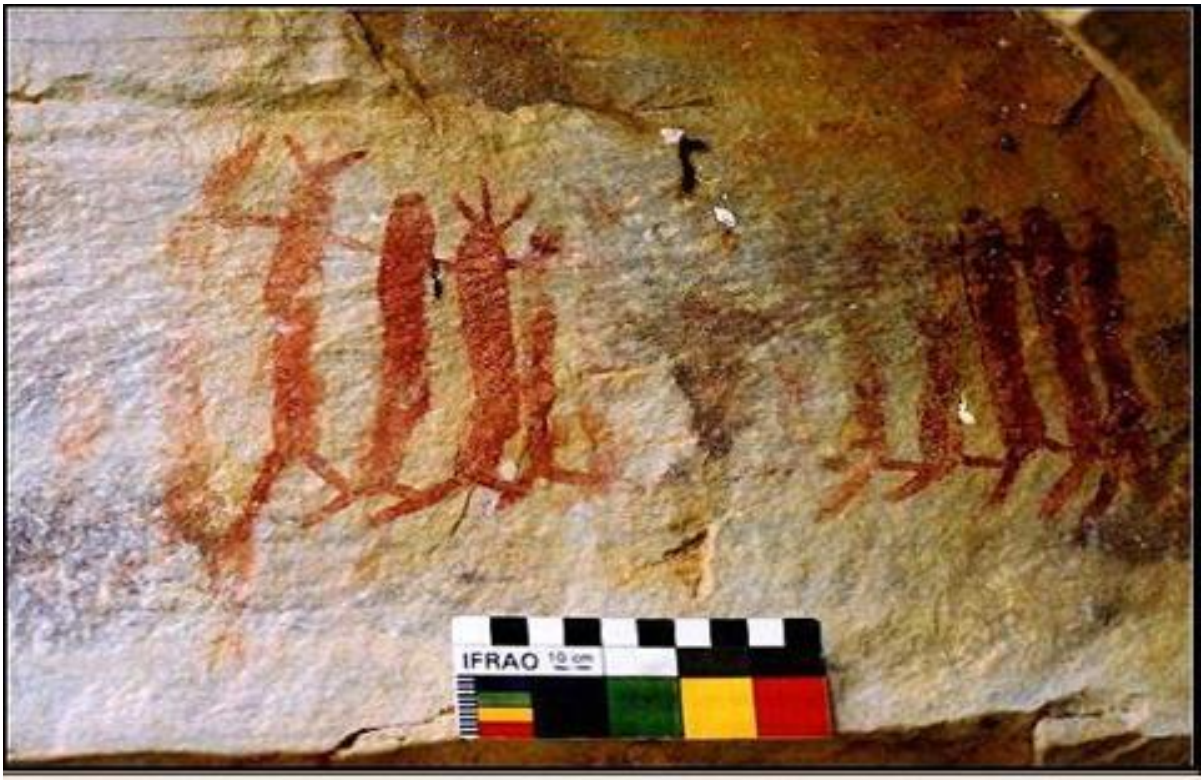
Painel rupestre metonímico
Boqueirão do Caldeirão da Angélica – Sento Sé - BA



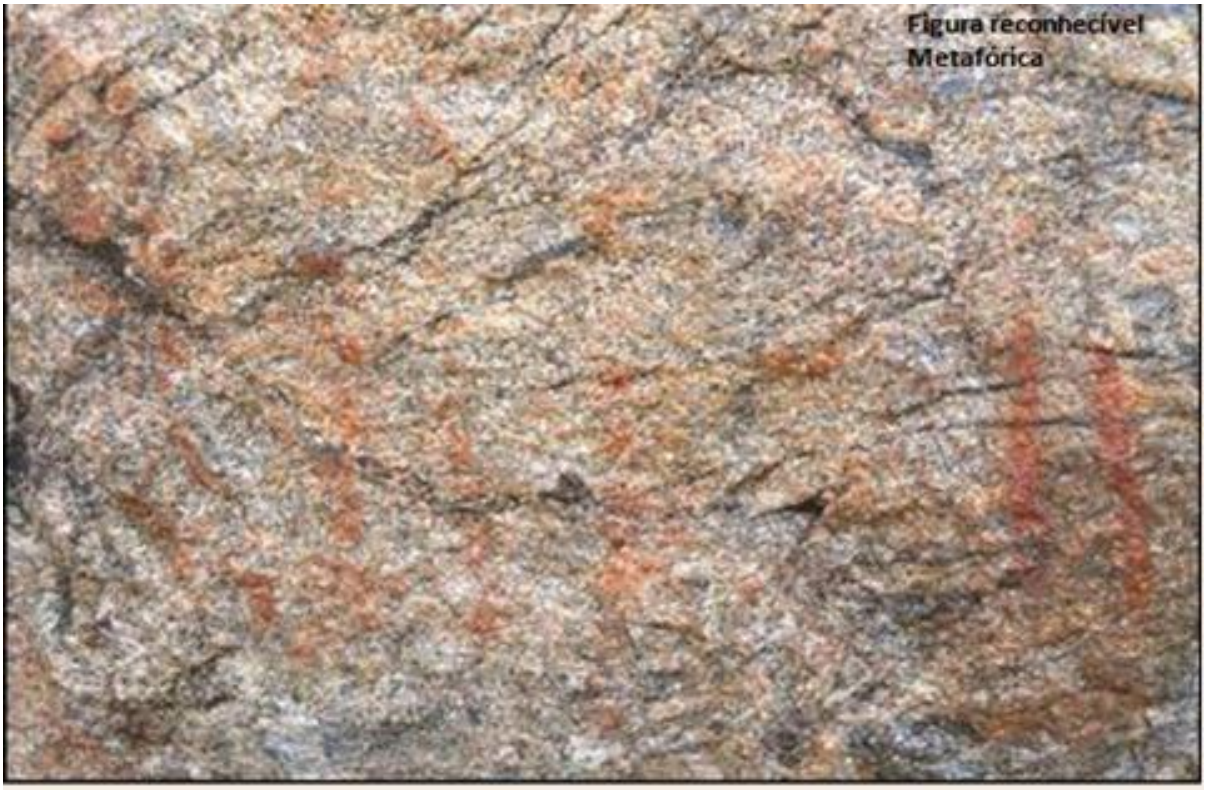
Painel rupestre metonímico
Boqueirão das Antas – Sento Sé - BA



Painel rupestre metonímico
Boqueirão dos Caboclos – Sento Sé - BA



Painel rupestre metonímico
Boqueirão do João de França – Sento Sé - BA



Painel rupestre metafórico
Serrote da Quixaba – Jaguarari - BA



Gravura Rupestre em processo de metaforização
Lagoa da Ponta Baixa
Jaguarari - BA



Gravura rupestre em processo de metaforização
Lajedo do Rastro da Ema
Jaguarari - BA



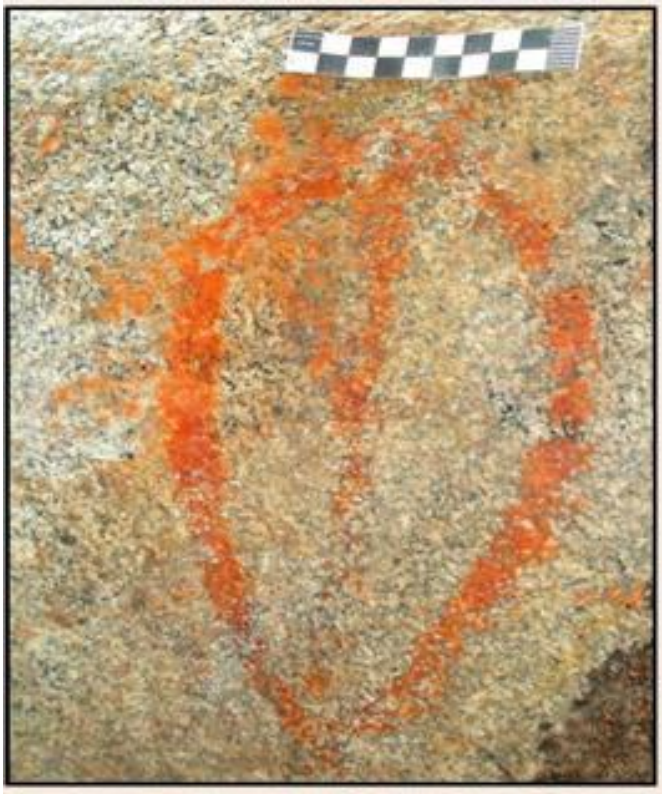
Gravura rupestre metafórica
Lagoa da Ponta Baixa
Jaguarari - BA



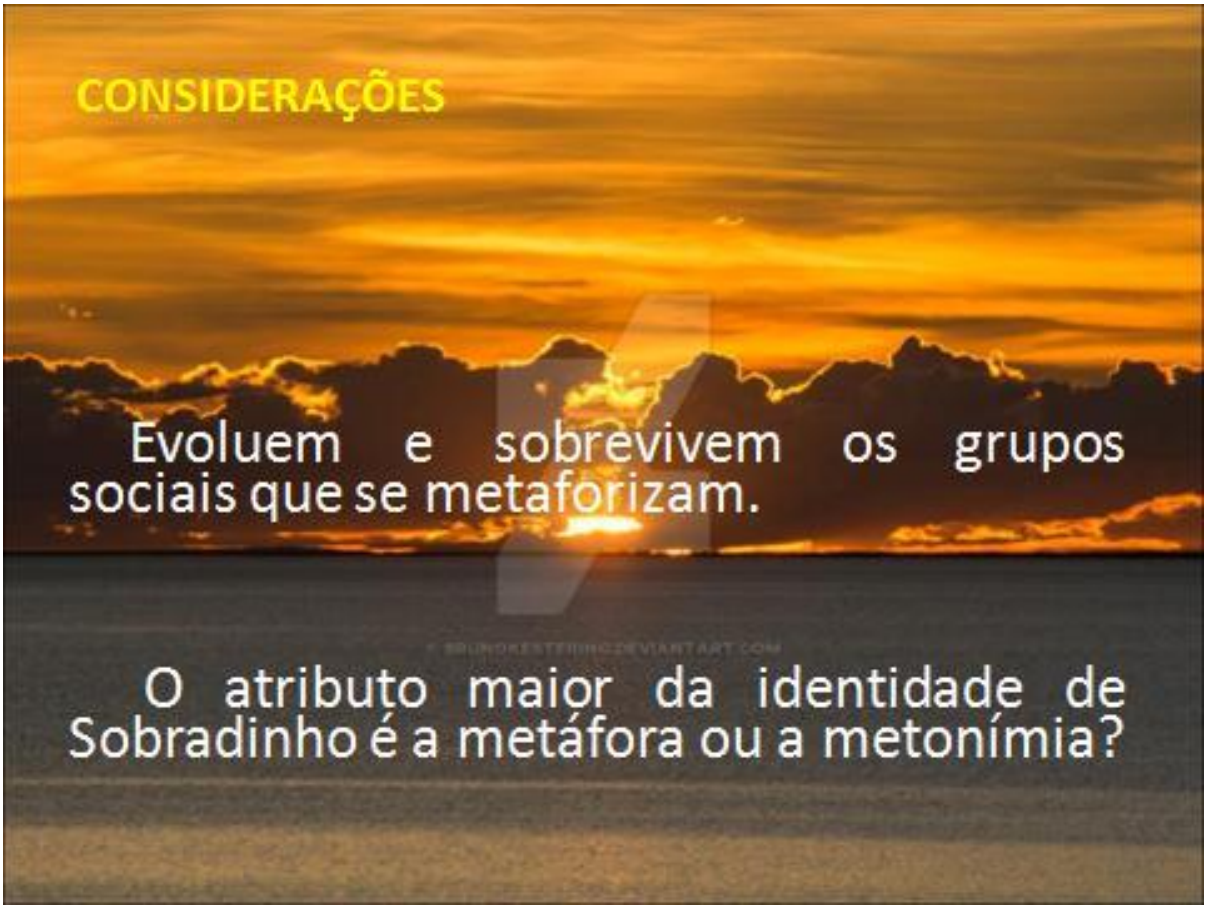
Pintura rupestre metafórica
Boqueirão dos Caldeirões – Sento Sé - BA



Gravura rupestre metafórica
Vale do Parnaíba
Piauí



Pintura rupestre metafórica
Alagoas



REFERÊNCIAS

AQUINO, R.; KESTERING, C. **Registros Rupestres da Área de Abrangência da Mina Suçuarana, Jaguarari – BA.** (Prelo na Revista Rupestreweb). 2016.

BICHO, N. **Manual de Arqueologia pré-histórica.** 2ª ed. Edições 70, Lisboa, 2012. 541 p.

BOADO, F. **Del terreno AL espacio: planteamientos y perspectivaspara La arqueologia Del paisaje.** Capa 6: 1 – 58, 1999.

CALDERÓN, V.; JÁCOME, Y.; SOARES, I. **Relatório das atividades de campo do Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico.** 1977. 75 p.

COMERLATO, F. **As Representações Rupestres do Estado de Santa Catarina, Brasil.** REVISTA OHUN – Revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFBA Ano 2, nº 2, outubro 2005.

GUIDON, N. **Tradições Rupestres da Área Arqueológica de São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil.** UFPE, Recife, 1988.

HERNANDO. A. **Arqueología de la Identidad.** Akal, Madrid, 2002. 224 p.

KESTERING. C. **Identidade dos grupos pré-históricos de Sobradinho – BA.** 298 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2007.

_____. **Patrimônio Arqueológico de Sento Sé - BA.** UNIVASF, São Raimundo Nonato, 2014. 793p.

LAGE. A. **Estudo dos grafismos rupestres da Pedra do Letreiro e Toca do Adão, Antônio Almeida, Piauí, Brasil.** 2010. 163 f: Dissertação (Mestrado em Antropologia e Arqueologia) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2011.

MARTIN. G. **Pré-história do Nordeste do Brasil.** 5. ed. UFPE, Recife, 2013. 434 p.

MAUSS, M. **As Técnicas Corporais. In:** Sociologia e Antropologia. EPU, São Paulo, p.399-422, 1974.

PESSIS, A-M. **Art rupestre préhistorique:** Premiers registres de la mise en scene. 502 f. Tese (doutorado de Estado) - Université de Paris X – Nanterre. 1987.

RENFREW, C. e ZUBROW, E. B. W. (Org.) **The ancient mind:** elements of cognitive archaeology (new directions in archaeology). 1994. 190 p.

RIBEIRO. M. **Temática dominante nas pinturas rupestres do Serrote do Morrinho, No Município de Sento Sé – Ba.** Evolvere Scientia, V. 3, N. 1, 2014.

SCHIAVETTO, S. **A arqueologia guarani: construção e desconstrução da identidade indígena.** Annablume, Campinas, 2002. 138 p.

SHENNAN, S. **Genes, Memes and Human History:** Darwinian Archaeology and Cultural Evolution. New York, Thames & Hudson. 2002. 304 p.

TRIGGER, B. **História do pensamento arqueológico.** 2. ed. Odysseus, São Paulo, 2004. 629p.


Gratos!